



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,  
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**ANTROPOLOGIA – DIVERSIDADE  
CULTURAL LATINO-AMERICANA**

**ARTESANATO MBYÁ-GUARANI: PERCEPÇÕES ETNOGRÁFICAS DE UMA  
ARTESÃ NA COMUNIDADE MBYÁ-GUARANI DE YRIAPÚ**

**KAUANA MARIA SANTOS NEVES**

Foz do Iguaçu  
2016



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,  
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**ANTROPOLOGIA – DIVERSIDADE CULTURAL  
LATINO-AMERICANA**

**ARTESANATO MBYÁ-GUARANI: PERCEPÇÕES ETNOGRÁFICAS DE UMA ARTESÃ  
NA COMUNIDADE MBYÁ-GUARANI DE YRIAPÚ**

**KAUANA MARIA SANTOS NEVES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Antropologia – Diversidade Cultural Latino-Americana.

Orientador: Prof. Dr. Andrea Ciacchi

Coorientadora: Profa. Dra. Maria Fernanda Maidana

Foz do Iguaçu  
2016

KAUANA MARIA SANTOS NEVES

**ARTESANATO MBYÁ-GUARANI**  
PERCEPÇÕES ETNOGRÁFICAS DE UMA ARTESÃ NA COMUNIDADE MBYÁ-GUARANI  
DE YRIAPÚ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Antropologia – Diversidade Cultural Latino-Americana.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Dr. Andrea Ciacchi  
UNILA

---

Coorientadora: Profa. Dra. Maria Fernanda Maidana  
UNILA

---

Prof. Dr. Anaxsuell Fernando da Silva  
UNILA

---

Prof. Dr. Waldemir Rosa  
UNILA

Foz do Iguaçu, \_\_\_\_ de dezembro de 2016.

Para todas as mães Mbyá, principalmente, Catalina.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a *Ñanderú* pelo cuidado e a *Kuaráí* pelos bons caminhos. Agradeço aos Mbyá-guarani de Yriapú por me receberem sempre com um verdadeiro sorriso, em especial a Catalina, Susana, Gabi, Mbaraka e Aníbal, pessoas com quem aprendi muito mais do que poderia imaginar.

Agradeço ao meu amigo Wender pela paciência, carinho, positividade, compreensão, ajuda, serenidade e principalmente pelo incentivo nas piores horas. Sem você, nada disso seria possível.

Agradeço a Vera Lucy Tesseroli por ter me estendido a mão quando mais necessitei de apoio e compreensão.

Agradeço a Solange pelo direcionamento.

Agradeço a professora Maria Fernanda pelo apoio e orientação.

Agradeço a minha colega Angela Ferreira pela parceria e amizade.

Agradeço a toda equipe da PRAE, sem a qual não teria como escrever estas palavras, em especial a Ana Paula, o Rodrigo e a Letícia. Vocês são maravilhosos.

Agradeço a equipe da PROEX, em especial a professora Dra. Angela, a Manu pelo incentivo incondicional, a Rosilene e o d'Miguel.

Agradeço as professoras Silvana, Ana e Loraine pela alfabetização. Aos professores Andrea, Anaxsuell e Varella pelo apoio.

Agradeço a minha mãe Silvana pela vida, a saúde e a educação.

Agradeço meu pai Eberlon pelo ensino do artesanato.

Agradeço ao meu irmão Adriano e sua esposa Eugênia pelo apoio e carinho incondicionais.

Agradeço ao André pela paciência, cuidado, compreensão e pelos melhores dias de minha vida.

A toda caboclada e seres divinos que me acompanham.

*O mundo, segundo Dom Juan, tinha de se conformar com sua descrição; isto é, a descrição se refletia.*

**Carlos Castañeda**

SANTOS NEVES, Kauana Maria. **Artesanato Mbyá-guarani: Percepções etnográficas de uma artesã na comunidade de Yriapú.** Puerto Iguazú, Misiones, Argentina. 2016. 74 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Nome do Curso) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, ano.

## RESUMO

O Artesanato é parte fundamental do modo de vida Mbyá-guarani. Na comunidade indígena de Yriapú, localizada na província de Misiones, Argentina o artesanato desenvolve-se em múltiplos sentidos, perpassando e construindo relações sociais, muito além da mera questão mercadológica ou de subsistência. O artesanato Mbyá-guarani encontra hoje dificuldades de ser inserido ou reconhecido como arte, cabendo trazer a modo de comparação, etnografias do fazer artefactual dos povos amazônicos e sua inserção enquanto arte. O presente trabalho busca, através do fazer artesanal, encontrar convergências com a prática artesanal e as dimensões da vida e da sociabilidade Mbyá-guarani na comunidade indígena de Yriapú. Para tal tentativa, através da observação participante da artesã, buscou-se a construção etnográfica que pudesse demonstrar a relação entre artesanato e modo de vida Mbyá-guarani, com foco na unidade familiar.

**Palavras-chave:** Artesanato. Mbyá-guarani. Yriapú. Etnografia. Arte.

SANTOS NEVES, Kauana Maria. **Mbyá-Guarani Handicrafts: Ethnographic perceptions of a artisan in the Yriapú community.** Puerto Iguazú, Misiones, Argentina. 2016. 74 pages. Thesis of course conclusion. (Graduation in Anthropology and Latin America Cultural Diversity) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2016.

## ABSTRACT

Handicraft is a fundamental part of the *Mbyá-guarani* way of life. In the indigenous community of *Yriapú*, located in the province of Misiones, Argentina, artisanship involves multiple senses, crossing and structuring social relations far beyond mere trading or subsistence questions. The *Mbyá-Guarani* handicraft finds difficulties today to be recognized as indigenous art, needing to present by way of comparison, ethnographies of the artefactual making of Amazonian peoples and their insertion as art. The objective of the present work is to find convergences between artisan practices and other dimensions of *Mbyá-guarani* life and sociability, in the indigenous community of *Yriapú*. From the artisan/anthropologist's participant observation, it intends to present an ethnographic record that demonstrates the relation between artisanship and the *Mbyá-guarani* way of life, focusing on the family unit.

**Key words:** Handicraft. *Mbyá-guarani*. *Yriapú*. Ethnography. Art.



SANTOS NEVES, Kauana Maria. **Artesanía Mbyá-guarani: Percepciones etnográficas de una artesana en la comunidad de Yriapú.** 2016. 74 páginas. Trabajo de Conclusión de Curso (Graduación en Antropología y Diversidad Cultural en América Latina) – Universidad Federal de la Integración Latino Americana, Foz do Iguacu, 2016.

## RESÚMEN

La artesanía es una parte fundamental de la forma de vida Mbyá-Guaraní. En la comunidad indígena Yriapú, situada en la provincia de Misiones, Argentina la artesanía se desarrolla en múltiples direcciones, permeando y construyendo las relaciones sociales, más allá de la mera cuestión de comercialización o de subsistencia. La artesanía Mbyá-Guaraní hoy tiene dificultades para ser insertado o reconocido como arte, apropiado llevar a la modo de comparación, las etnografías de hacer artefactos de los pueblos amazónicos y su inclusión como arte. Este trabajo tiene como objetivo, por medio del hacer artesanía, encontrar convergencias con la práctica artesanal y las dimensiones de la vida y de la sociabilidad Mbyá-guarani en la comunidad indígena de Yriapú. Para este intento, a través de la observación participante de la artesana, se intentó la construcción etnográfica que podrían demostrar la relación entre la artesanía y la forma de vida Mbyá-Guaraní, centrándose en la unidad familiar.

**Palabras-clave:** Artesanía. Mbyá-guarani. Yriapú. Etnografía. Arte.

## LISTA DE IMAGENS

<b>Figura 1</b> – Comunidade de Yriapú.....	17
<b>Fotografia 1</b> – pulseiras de macramê sírio produzidas em oficina.....	33
<b>Fotografia 2</b> – colar de contas feminino (escuro) e masculino (cinza) produzidos por Catalina.....	35
<b>Fotografia 3</b> – colar de contas com semente de olho de boi produzido por Tita.....	36
<b>Fotografia 4</b> – Mbaraka com zarabatana produzido por Susana.....	36
<b>Fotografia 5</b> – Colar de miçanga confeccionado por Catalina.....	38
<b>Fotografia 6</b> – onça esculpida em madeira por Aníbal.....	51
<b>Fotografia 7</b> – Quati confeccionado por Tupã Mbaraka.....	57
<b>Fotografia 8</b> – Susana confeccionando pulseira macramê.....	61
<b>Fotografia 9</b> – Filtro dos sonhos elaborado por Catalina.....	67

## LISTA DE PALAVRAS EM MBYÁ-GUARANI

<i>Nhanderú</i>	-	Nosso Pai
<i>Kuarai</i>	-	Sol
<i>opy</i>	-	casa de reza
<i>jurua</i>	-	branco
<i>mbo'y</i>	-	colar
<i>poapy reguá</i>	-	pulseiras
<i>mimby</i>	-	flauta
<i>mucuña</i>	-	semente de olho de boi

## SUMÁRIO

<b>PRÓLOGO .....</b>	<b>12</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>1. PROBLEMATIZAÇÃO E JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>16</b>
1.1 O CAMINHO DO OBJETO DE PESQUISA.....	20
1.2 YRIAPÚ E A QUESTÃO ARTESANAL.....	22
<b>2. ARTE INDÍGENA E ANTROPOLOGIA, APONTAMENTOS PARA UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....</b>	<b>25</b>
2.1 PROCESSO DE PRODUÇÃO ARTESANAL EM SUAS MÚLTIPLAS DIMENSÕES... ..	27
<b>3. IMPRESSÕES DE CAMPO: PRIMEIROS CONTATOS.....</b>	<b>30</b>
3.1 METODOLOGIA ADOTADA.....	31
3.2 ARTESANATO MBYÁ-GUARANI: ETNOGRAFIA DA TRAJETÓRIA DO FAZER ARTESANAL.....	32
3.2.1 <i>A chuva de pedras</i> .....	40
3.2.2 <i>Conhecendo a família de Susana</i> .....	41
3.2.3 <i>O almoço na casa de Catalina</i> .....	45
3.2.4 <i>A visita de sábado</i> .....	46
3.2.5 <i>O dia da visita a opy</i> .....	47
3.2.6 <i>A visita a escola</i> .....	52
3.2.7 <i>O dia que ganhei um Mbo'y</i> .....	55
3.2.8 <i>A primeira tentativa de Susana em confeccionar a pulseira macramê</i> .....	58
3.2.9 <i>A segunda tentativa de ensinar a pulseira de macramê</i> .....	60
3.2.10 <i>O filtro dos sonhos para Susana</i> .....	62
3.2.11 <i>A distribuição de colchões</i> .....	64
<b>4. IMPRESSÕES FINAIS.....</b>	<b>67</b>
4.1 CONCLUSÃO.....	68
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>70</b>

## PRÓLOGO

O artesanato faz parte de minha existência mesmo antes dos meus pais se conhecerem. Graças a ele, fui fabricada (LAGROU, 2007). Meu pai nascido no ano de 1960 em Palmas, Paraná fugiu da casa dos meus avós aos treze, chegando em Comodoro Rivadavia, Argentina, conheceu Ugo Figino, um senhor que lhe deu casa e trabalho em sua mecânica, neste período e trajeto, aprendeu a fabricar as primeiras peças de artesanato. Depois de um contato com sua família em dezembro de 1975 decide retornar, porém não passa três meses, "tinha vontade de conhecer os lugares" diz. Nesta época, segundo meu pai, ser hippie era ideologia, além disso, também era uma novidade, conseguir carona nestes anos sendo hippie era fácil, porque as pessoas eram curiosas sobre esta atividade e aproveitavam a carona para conversar sobre a vida de um viajante que não era andarilho.

Os anos passaram, em 1990 meu pai trabalhava como chofer em uma casa em Brasília e minha mãe em uma olaria na mesma cidade. Minha mãe tinha 17 anos e meu pai 32, conheceram-se cruzando lados opostos da rua. Logo começaram a namorar e então meu pai ensinou com exceção da talha em madeira, tudo que sabia de artesanato a minha mãe. Minha mãe engravidou de mim, logo começamos a viajar pelo Brasil, em julho de 1992 depois de um acidente com um caminhão em que meus pais haviam pegado carona no interior do Pará nasci em Curionópolis. Ficamos aí alguns dias, meu avô por parte de pai que é caminhoneiro foi nos buscar em Belém. Viemos para o sul.

Em março de 1994 nasce meu irmão Kauê em Palmas, meus pais neste período e eu estávamos vivendo nos fundos da casa de minha avó, para minha mãe foi um momento muito difícil, minha avó não a aceitava pelo fato dela ser negra e não ser casada oficialmente com meu pai. Dois anos depois eles decidem voltar a Aracaju, cidade natal de minha mãe, localizada no Sergipe. Vivemos lá menos de um ano, o restante do tempo e trajetos eram em cidades turísticas em busca de compradores de artesanato. A relação que meu pai transmitia a mim do artesanato era meramente monetária porém de subsistência, e a minha mãe, era de amor a nós e a meu pai.

Quando fiz cinco anos de idade, meus pais decidem parar de viajar, pois segundo eles nós deveríamos ir para a escola. Voltamos para Palmas, porém devidas as condições

tensas familiares de sempre, logo meu pai partiu para a cidade vizinha de Pato Branco com o intuito de encontrar uma casa para nos instalarmos aí e algumas semanas depois fomos minha mãe meu irmão e eu residir nesta cidade vizinha.

Fui matriculada no pré-III da Escola Municipal Maria Jurema Ceni, minha primeira professora chamava-se Silvana, coincidentemente o mesmo nome de minha mãe.

Meus pais vendiam artesanato na praça Presidente Gentúlio Vargas em frente a Matriz da cidade. Ficava com eles aí no período da manhã e a tarde ia para a escola, almoçava aí mesmo a marmita que minha mãe preparava. Éramos os únicos hippies quando chegamos nesta cidade. Em 1999 nasceu minha irmã Ágata e um ano depois meu irmão Cainã.

Nos sábados havia feira na praça com barracas amarelas padronizadas pela prefeitura, minha mãe conseguiu uma delas e logo passou a não vender mais no chão, sim na mesa. Meu pai fez um cartaz com a palavra *Kuntakinte*<sup>1</sup> e minha mãe registrou firma com este nome fantasia, porém os anos foram passando, as bijuterias vindas da Vinte e Cinco de Março em São Paulo começaram a invadir a cidade através dos grandes comerciantes desvalorizando drasticamente nosso trabalho, neste período, passamos dificuldades incontáveis vezes.

No ano de 2005 com minha mãe tendo que trabalhar em uma empresa para cobrir todas nossas despesas, deixou a barraca de artesanato sob minha responsabilidade, na época, com 12 anos. No período, nos deslocamos de frente da matriz para a frente de uma agência da Caixa Econômica Federal e comecei a observar crianças indígenas que vinham de suas aldeias até a cidade pedir dinheiro, lembro de meu pai criticando os pais dessas crianças por fazer isso com elas, enquanto eu me questionava o fato dele me fazer trabalhar enquanto ficava em casa, muitas vezes ocioso.

Então muita coisa foi acumulando dentro de mim, o sentimento que antes tinha de felicidade com o artesanato e com as viagens, comecei a ter de tristeza, raiva e sobretudo vergonha.

---

<sup>1</sup> Personagem ficcional criado por Alex Haley que denunciava a escravidão nos Estados Unidos. Alcançou sucesso na década de 80 no Brasil através de série exibida pela rede televisiva SBT.

Minha trajetória íntima, familiar e afetiva com o artesanato, que me atravessa em múltiplas dimensões desde criança até a atualidade, me manteve próxima inclusive no momento de fazer escolhas referentes ao objeto de estudo e sua devida problematização. Assim como permeou minhas relações parentais, minha compreensão de gênero, a aprendizagem de um ofício que até o dia de hoje mantenho como uma parte de minha identidade (BARTH, 2000). Através do artesanato, fui levada ao trabalho de campo e ele por sua vez, me reconciliou com o fazer artesanal.

## INTRODUÇÃO

No dia seis de maio de 2015 visitei pela primeira vez a comunidade de Yriapú, localizada na tríplice fronteira, cidade Puerto Iguazú, estado de Misiones, Argentina. Alex, colega de classe, convidou-me para ir com sua turma do curso de Antropologia da Universidade Federal da Integração Latino-Americana - UNILA, em um dos quatro encontros promovidos pela professora executora da disciplina de Interculturalidade, com o apoio dos docentes e colaboradores da escola intercultural de Yriapú. Lá conheci Mbaraka, inspetor e docente na escola local, foi quem nos recebeu e nos apresentou o estabelecimento e parte da comunidade indígena. Neste mesmo dia, as crianças e professores haviam preparado apresentações sobre a cultura Mbyá-guarani e jogos.

A segunda visita que fiz a comunidade foi no final de maio, um sábado chuvoso, na companhia de Alex e Cosme, um companheiro da UNILA que é Shuar. Neste dia, fomos afetuosamente recebidos por Mbaraka e sua esposa, a qual preparou reviro, um prato típico guarani para nós três. Mbaraka nos mostrou a comunidade, nos levou pelo *sendero*<sup>2</sup> turístico e falou algumas informações sobre a história da comunidade e da escola. Quando a chuva aumentou, nos sentamos em um lugar em frente ao órgão que rege o turismo na aldeia, então Alex, Cosme e Mbaraka compartilharam experiências de seus respectivos grupos e comunidades indígenas.

Aproximadamente um mês depois, ocorreu o encontro de representantes indígenas da região na UNILA, nele tive oportunidade de conhecer Roberto, o cacique de Jasy Porã, fui convidada por ele para conhecer sua comunidade e alguns dias depois fui até lá com

---

2 Sendero: caminho de chão batido existente dentro da comunidade, apenas para andar a pé.

uma colega do curso de Antropologia, levei para ele um presente, um filtro dos sonhos que confeccionei. No trajeto, encontrei Mbaraka em Yriapú, que viu o trabalho e pediu que eu ensinasse sua esposa Catalina. Aceitei no mesmo instante, pois senti que minha inserção ao trabalho de campo estava revelando-se ali, através do artesanato.

Aprendi artesanato com meus pais que são artesãos e depois de anos sem praticá-lo, volto a fazê-lo em detrimento de meu novo ofício, a prática antropológica.

Com Catalina, no passar dos dezesseis meses de visitas de campo, aprendi a cada dia um pouco de sua visão e seus valores, ademais de suas expectativas em aprender artesanato e de minhas expectativas em aprender sobre ela, tive um encontro com a sociabilidade gerada através da confecção artesanal.



## 1. PROBLEMATIZAÇÃO E JUSTIFICATIVA

O território que a população guarani ocupa, atualmente é perpassado pelas fronteiras nacionais de Argentina, Brasil, Bolívia e Paraguai. Sob o tronco linguístico guarani existem quatro diferenciações: entre os Avá, ou Ñandeva, localizados no sul do Brasil, Paraguai, Bolívia e a parte Argentina que compreende Misiones e Salta. Os Kaiowá, que habitam parte do Brasil e parte do Paraguai. Os Aché localizados no Paraguai, e os Mbyá no sul do Brasil e parte da Argentina, no estado de Misiones. (MONTARDO, 2002) Registros etnográficos da bibliografia antropológica evidenciam a mobilidade e a coexistência destes grupos (SILVA, 2007).

No ano de 2007, a população guarani dividia-se aproximadamente em 6.500 habitantes na Argentina, 43.000 no Paraguai e 51.000 no Brasil, totalizando mais de cem mil habitantes, com altas taxas de crescimento. Sendo os Mbyá aproximando-se de 27.000 pessoas (GRUMBERG, 2008).

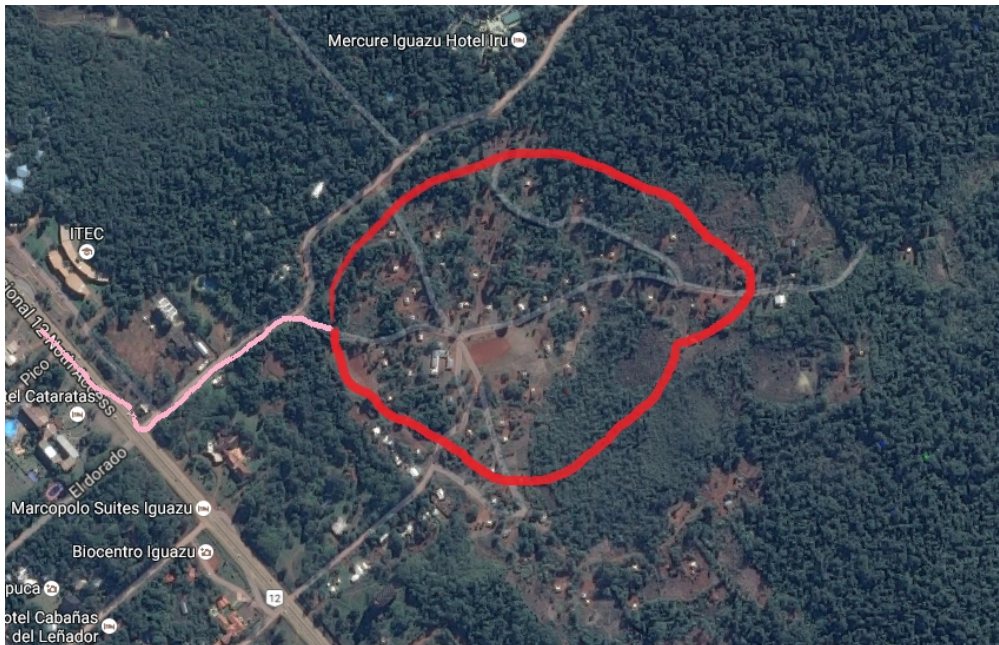
Na província de Misiones calculam-se aproximadamente 105 comunidades indígenas. (PARO, 2013) Em Puerto Iguazú, com cerca de 50 mil moradores, os Mbyá-guarani representam aproximadamente 5% da população. Nesta cidade, estão as maiores aldeias Mbyá-guarani de Misiones, chamadas Mboroere e Yriapú (idem).

Nestas aldeias os Mbyá-guarani exercem sua existência, transmitem sua língua, seus costumes, seus rituais, suas práticas, desde os mais anciãos até os mais jovens. A língua falada pelos Mbyá-guarani é o mbyá, seguido do espanhol, esta somente é introduzida no ensino das crianças depois de meses que a criança aprendeu o *mbyá*. A principal atividade desenvolvida entre os Mbyá-guarani de Misiones é a confecção de artesanato.

Na comunidade Mbyá-guarani de Yriapú, existem aproximadamente 86 famílias, dividindo-se em 265 hectares (PARO, 2013) sendo aproximadamente em torno de 430 pessoas. Busquei atualizar estes dados incontáveis vezes, recorrendo aos moradores que estabeleci contato e com o cacique, porém não obtive respostas seguras, levando-me a crer a necessidade de um trabalho de campo somente para a realização deste censo.

Existe uma rede de parentesco e reciprocidade entre os Mbyá (SILVA, 2015) que torna a projeção estatística a merce da grande mobilidade realizada entre comunidades.

**Figura 1 – Comunidade de Yriapú**



Fonte: Google Maps

A zona territorial onde encontra-se hoje a comunidade é habitada desde sempre pelos antepassados dos Mbyá, porém ela é denominada comunidade a pelo menos 40 anos<sup>3</sup>. Existem dados que sugerem que a região seja habitada pelos Mbyá-guarani a pelo menos 1.000 anos<sup>4</sup>, com intensa mobilidade, com a chegada dos europeus e a intrusão dos jesuítas houve a necessidade de estabelecer territórios fixos, surgindo aí os primeiros aldeamentos (FAUSTO, 2000). Outra hipótese discutida pela bibliografia existente sobre a temática territorial indígena é a de que antes da chegada dos europeus, o continente possuía suas próprias regras de mobilidade e interação entre povos, com a invasão da América, enquanto alguns povos inseriam-se cada vez mais floresta a dentro para evitar o encontro com possíveis desconhecidos, outros deslocavam-se e construíam suas moradas próximas as fronteiras naturais, como os rios ou montes (PROUS, 2006). Longe de coincidências, a tradução literal de Yriapú é som do rio, ou ruído das águas.

<sup>3</sup> MBARAKA, comunicação oral.

<sup>4</sup> Vídeo “Comunidad Mbya-Guarani - Misiones – Argentina”, (2003) disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=XYd7nFfZJqs&t=97s>>

A comunidade Mbyá-guarani de Yriapú localiza-se em Puerto Iguazú, e sua população circula entre Brasil, Argentina e Paraguai, local de grande fluxo de pessoas e turistas (SILVA, 2007). Com a redução das florestas e matas nativas desde os tempos da colonização, os artesanatos usados antes tradicionalmente (*ypará*) tornaram-se (*ta'anga*)<sup>5</sup>, essenciais para a subsistência dos Mbyá de Yriapú, acompanhado do turismo e do trabalho fora das comunidades.

Antes, usávamos para caçar, para nosso alimento. Mas já não há mais caça, não há mais pesca, já não há mais monte para ir. E que podemos caçar? Nada. Então, nós estamos muito entristecidos por não ter mais monte como antes. Porque o monte era para nós muito, muito importante. E agora não temos mais, temos muito pouco. Não temos onde ir caçar, não temos onde ir pescar. Os colonos grandes, empresários, pegam tudo, compram tudo. E nós, onde ficamos? Ficamos em uma parte, uma partezinha, que deu o governo, mas muito pouco, pouquíssimo, porque nós temos um sentido para esse... Estamos fechados aqui, não podemos ir a nenhum lado. Então, diretamente, nós agora, em troca disso, estamos trabalhando com artesanato. (Verasunú Rufino)<sup>6</sup>

Durante realização de trabalho de campo na comunidade de Yriapú, questionado o interlocutor Mbyá sobre a fabricação de artesanato, respondeu-me: "si, em mis horas libres si lo hago. Por acá todos, casi todos viven de la artesanía".

Segundo a autora Mbyá-guarani Alexandrina da Silva, antes de ser a principal fonte de subsistência entre os mbyá, o artesanato tem significado da relação deles com *Ñanderú* (nosso pai, nosso Deus) (SILVA, 2015).

Desta maneira, é possível inferir que o artesanato na comunidade Mbyá-guarani de Yriapú ocupa parte fundamental do *tekoa*. Pois o *tekoa* é para os mbyá "o lugar onde se dão as condições de possibilidade do modo de ser guarani" (MELIÁ, TEMPLE, 2004) e ser guarani implica estar em relação com *Ñanderú*, bem como caracteriza-se como principal fonte de subsistência. Porém interessa neste trabalho a produção artesanal para fins outros que não os da subsistência (RIBEIRO, 1987), sendo a fabricação do artesanato e sua elaboração aspectos que demarcaram parte da sociabilidade da comunidade em meu trabalho de campo.

5 *Ypará*: artesanato feito para uso do Mbyá; *Ta'anga*: artesanato relacionado ao comércio. (SILVA, 2015)

6 Mbyá de Yriapú, em entrevista para o documentário "YRYAPU - Le Son de l'Eau" de Briones (2007) disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ZDqo96QKHFk>>

O artesanato nas comunidades indígenas atualmente compõe diferentes elementos, estes relacionados intrinsecamente a cultura de cada povo, como a produção por necessidade de subsistência, a continuidade de um saber passado de geração em geração, elemento estético, objeto que atua através de sua eficácia (GELL, 1998) ou tudo isso em uma única peça artesanal. A amaga social das comunidades indígenas que produzem o artesanato certamente encontram nele uma das explicações de se estar no mundo, bem como é chave de acesso a parte de sua cosmologia.

Segundo Alexandrina Silva (2015) o artesanato:

É o resultado do trabalho manual - feito à mão - e que pode ter diversas finalidades: utilitários, estéticas, decorativas, funcionais, tradicionais, religiosas e sagradas. É uma expressão do saber acumulado através da arte, da criatividade e da habilidade. (SILVA, 2015)

Existe vasta bibliografia referente a arte e artefato indígena, especialmente dos povos amazônicos, os Kayapó – Xikrin e seu refinado grafismo (VIDAL, 1992), os Wayana e sua tendência estética (VELTHEM, 2003), a noção do Duplo entre os Kaxinawa (LAGROU, 1998), os Maimondê (Nambikwara) e o destino interligado as contas dos colares (MILLER, 2007) a utilização histórica da miçanga entre os Kayapó, Krahô, Kaxinawa, (LAGROU, 2013). Já sobre o artesanato e artefato guarani, existe maior concentração nos trabalhos arqueológicos, como o trabalho sobre Arte gráfica guarani (TOCHETTO, 1996) a influência do pensamento guarani no Barroco Missioneiro (OLIVEIRA, 2004), a cerâmica proto-guarani (PROUS, 2006) com poucos resultados na área antropológica etnográfica.

Sobre a Arte guarani, existem trabalhos que concentram-se na área de Etnomusicologia, tendo como referência o belíssimo trabalho de Deise Lucy Montardo (2002), *“Através do Mbaraka: música e xamanismo guarani”*.

Arrisco dizer que a grande preocupação bibliográfica com o artesanato e artefato amazônico se deve a exotização atribuída a estética destes povos.

Observei que quando fala-se de artesanato indígena a maior parte da bibliografia encontra-se focada na discussão de patrimônio ou de mercado. Secundariamente, elabora-se discussões associadas a organização social ou a multidimensionalidade

presente no artesanato apenas quando refere-se a ele nos conceitos de artefato ou arte indígena. Berta Ribeiro (1987) e Alexandrina da Silva (2015) foram as únicas autoras encontradas que trouxeram o conceito de artesanato para a categoria analítica.

Interessante notar que durante trabalho de campo realizado, apenas ouvi a palavra '*artesania*' (artesanato) para referir-se a este elemento tão importante na constituição da comunidade Mbyá-guarani de Yriapú. Tendo isto demarcado, será levado em consideração prioritária a bibliografia que refere-se ao artesanato indígena.

Tendo em vista as esparsas informações sobre artesanato Mbyá-guarani e sua riqueza de elementos, este trabalho desenvolver-se-á com o intuito de contribuir a contestação da exotização do artesanato indígena, bem como potencializar uma olhada mais valorativa do artesanato em seu contexto geral.

Na primeira parte deste trabalho será apresentado os apontamentos para uma revisão histórica sobre a Arte indígena e Antropologia, bem como a inserção do Artesanato convergente a ambos os elementos. A segunda parte do trabalho focaliza a revisão bibliográfica sobre o artesanato Mbyá-guarani. Trazendo os dados etnográficos obtidos em campo, será feita a localização da comunidade Mbyá-guarani de Yriapú, bem como sua produção artesanal. A terceira parte apresenta a escolha metodológica para a coleta de dados, bem como a produção resultante destes. Será delineada a relação da produção artesanal com o circuito artefactual das comunidades indígenas descritas na revisão bibliográfica sobre arte indígena. Para os dados não obtidos ao longo do trabalho de campo, será recorrido a bibliografia existente sobre o tema.

## 1.1 O CAMINHO DO OBJETO DE PESQUISA

Em busca de um elemento de comportasse as relações sociais estabelecidas dentro da comunidade Mbyá-guarani de Yriapú, caminhei pelos *senderos* que me eram permitidos, esperando por encontros.

Deparei-me primeiramente com os hotéis que circundam a comunidade, adiante, encontro a escola intercultural e toda uma vida diferenciada que acontece ali para as

crianças, jovens e adultos que possam vir a buscar escolarização no período da noite.

Saindo da escola, encontro o campo de futebol, onde acontecem campeonatos os quais as vezes participam os Mbyá-guarani de outras comunidades, quando não há campeonato ou os jogos costumeiros do final de semana, as crianças ocupam o campo para jogar futebol, soltar pipa, ou brincar.

Caminhando para fora do campo, existem conjuntos de casas de madeira espalhadas entre os *senderos*, algumas a vista de quem chega a comunidade, outras atrás de enormes arbustos de bambu, outras entre as árvores. Nestas casas sempre há pessoas desenvolvendo seus afazeres do lado de fora, seja mantendo a fogueira acesa, seja cozinhando, observando o movimento ou fazendo artesanato.

Encontrei esta possibilidade de observação atravessando a comunidade Yriapú apenas como passagem para a comunidade Mbyá-guarani Jasy Porã, onde pretendia desenvolver estudo na área de Etnomusicologia.

Qual foi minha surpresa neste dia em ver a felicidade de Mbaraka em me rever em Yriapú e a apatia do cacique em Jasy Porã em receber-me como pesquisadora. Quase um ano após esta visita entendi que ele estava apenas me colocando em meu caminho, pois os guarani são especialistas em caminhos. Com meu filtro dos sonhos nas mãos como chave, Mbaraka abriu as portas de sua comunidade ao convidar-me para ensinar aquela técnica a sua esposa, que também é artesã.

O trabalho de campo com descrição etnográfica foi realizado efetivamente desde abril de 2016, através de projeto de extensão vinculado a UNILA. O projeto denominado *Artesanato Guarani: Ancestralidade e Difusão* teve como objetivo principal a construção de um espaço de diálogo e confecção de artesanato, seguido do objetivo de contribuir a pesquisa antropológica para o Trabalho de Conclusão de Curso que deveria ser submetido no mesmo período de conclusão do projeto.<sup>7</sup>

Durante o período de oito meses foram realizadas incursões na comunidade de Yriapú para a realização de oficinas de artesanato, elas aconteceram entre as casas de Catalina e Susana. Como elas sabiam que eu fazia artesanato, demonstravam durante

<sup>7</sup> O projeto foi vinculado a Pró-reitoria de Extensão – PROEX da UNILA, teve como coordenador o antropólogo Ms. Wender da Silva Freitas e orientador o professor Dr. Andrea Ciacchi.

todas as visitas a vontade maior de aprender do que ensinar. Então, o projeto desenvolveu-se de maneira que ensinei o que havia aprendido com meus pais; pulseiras, colares e principalmente, filtro dos sonhos.

Tendo em consideração os múltiplos significados e categorias da confecção artesanal para os Mbyá-guarani de Yriapú, desenvolvi trabalho de campo através do meu fazer artesanal tendo como um dos objetivos aproximar-me de aspectos da dimensão social Mbyá-guarani como a de construção de vínculos e a sociabilidade em interações onde prevalecia a unidade doméstica familiar.

Deste modo, este texto teve como aspiração inicial e objetivo principal analisar a atuação do artesanato Mbyá-guarani na construção de vínculos e sociabilidade da comunidade indígena Yriapú. No entanto, levando em consideração que o trabalho de campo desenvolveu-se a partir do meu fazer artesanal dentro da comunidade usado no início como entrada acabou sendo articulador da minha presença, da minha própria construção de vínculos e sociabilidade em detrimento da observação de situações espontâneas de produção de artesanato Mbyá-guarani, mantenho esta aspiração, de poder trazer relações entre artesanato e características da dimensão social Mbyá-guarani de Yriapú observável, mesmo que elas sejam arriscadas, hipotéticas e que fiquem como ideias provisórias e incipientes, a serem desenvolvidas em minhas futuras pesquisas.

## 1.2 YRIAPÚ E A QUESTÃO ARTESANAL

Através de minha trajetória de ensino do artesanato na comunidade Mbyá de Yriapú pude observar que “a linguagem do conjunto artefactual de um grupo indígena é um meio de comunicação visual” (RIBEIRO, 1986). Considerando a inferência da autora Berta Ribeiro (1986), a produção de artefatos segue um padrão estilístico próprio, no caso dos Mbyá-guarani, o estilo adotado possui cores neutras, quando elaborados com sementes e colorido quando feitos com miçanga. As sementes são sagradas para os Mbyá, enquanto o uso de miçanga é para a confecção estética (SILVA, 2015).

Além da comunicação visual material, da confecção para a venda, está a comunicação com outros planos não circulares (WORTMANN, 2004), como por exemplo,

os artefatos produzidos com a finalidade de proteger (SILVA, 2015), bem como os artefatos que demonstram afeto, como o *Mborayhu* (amor), este sendo uma das estruturas de reciprocidade para os Mbyá-guarani (MELIÁ, TEMPLE, 2004).

Já sobre a questão da ancestralidade, segundo a autora Alexandrina da Silva:

Através dos grafismos presentes nos artesanatos, nós guarani valorizamos historicamente e culturalmente a memória de nossos ancestrais e, assim, preservamos a nossa maneira de ser e de viver, mantendo viva a nossa tradição (SILVA, 2015).

Entre os Mbyá de Yriapú, o grafismo é presente timidamente entre os mbarakas, zarabatanas e arco-e-flechas, porém a maior produção artesanal é revelada em colares e pulseiras, não sendo utilizado o grafismo, mas com a mesma característica de um conhecimento advindo da ancestralidade.

A observação participante (MALINOWSKI, 1922) foi ferramenta principal para integrar-me a confecção de artesanatos, bem como interagir com as práticas dos artesãos em seus momentos familiares. Através desta ferramenta metodológica pude identificar o alto valor do diálogo, assim, foram realizadas e documentadas longas conversas informais que traçaram convergências ao tema artesanato Mbyá-guarani.

Ao longo do desenvolvimento do trabalho de campo o artesanato manifestou-se através de interlocuções informais como dispositivo das interações e da sociabilidade. Pois, sendo a produção não ligada a uma lógica estrita de mercadoria, ela existe em uma condição de demarcação social (RIBEIRO, 1987). A compreensão e categorização nativa para artesanato atua na sinergia de experiência, saber e conhecimento, bem como resulta de uma memória coletiva acerca da atividade.

O fazer manual possibilitou diferentes perspectivas referentes a classificação dos artefatos, bem como permitiu acessar patamares do incomum ou do proibido, como veremos a diante, a segregação por gênero de peças artesanais. Em principal aspecto, esta pesquisa remete as experiências de campo através do relato etnográfico, tendo o artesanato hora como fundo, hora como frente das situações relatadas, assim “ao inverter figura e fundo, revela-se outra figura, outro fundo” (LAGROU, 2010).



O desenvolvimento analítico do relato será baseado na consideração teórica de diversos autores, sobrepondo a reflexão de um único problema teórico concreto. No entanto, desde o diálogo entre teorias, registros e experiências, logram-se conclusões particulares.

## 2. ARTE INDÍGENA E ANTROPOLOGIA, APONTAMENTOS PARA UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A autora mbyá-guarani Alexandrina da Silva diz que o conceito de artesanato:

É o resultado do trabalho manual feito à mão e que pode ter diversas finalidades: utilitários, estéticas, decorativas, funcionais, tradicionais, religiosas e sagradas. É uma expressão do saber acumulado através da arte, da criatividade e da habilidade (SILVA, 2015).

O artesanato e a religião são âmbitos convergentes nas sociedades indígenas, consequentemente, ele ocupa lugar significativo no que diz respeito a transformação cultural Mbyá-guarani (TOCHETTO, 1996). Antes da produção do artesanato, deu-se a confecção de artefatos, que existiam somente dentro da *opy* (casa de reza) (ASSIS, 2006).

A maneira de se conceber o artesanato nas sociedades indígenas é marcado por múltiplas dimensões. Dentre as principais, encontra-se a transmissão de um conhecimento ancestral (SILVA, 2015) (RIBEIRO, 1986), a necessidade de subsistência (LITTAIFF, 1991), (FARACO, 2015), (ALONSO, 2015), o aperfeiçoamento de peças (LAGROU, 2010) e a fabricação de uma pessoa (LAGROU, 2007).

Em 1991, em estudo antropológico realizado por Aldo Littaiff, os Mbyá-guarani de Bracuí relataram que a elaboração do artesanato comercial surgiu com o contato com o turismo em Paranaguá e que o fomento ao artesanato comercial surgiu ao entrarem em contato com o turismo em Paranaguá. A confecção de arcos e flechas, que estava desaparecendo entre eles, aumentou nesta ocasião.

Existe ainda uma preocupação estética (GELL, 1998) direcionada ao artesanato, artefato e arte indígena, para os Mbyá-guarani, a habilidade da artesã ou artesão relaciona-se com a beleza do produto final. Porém existe o objeto para a venda: *ta'anga* o qual se está conectado com a estética “já que o jurua (branco) não entende” (SILVA, 2015) o significado não material do objeto. E o *ypará*, para uso do mbyá (idem).

Segundo a autora Valéria Soares de Assis (2006) em sua pesquisa entre os Mbyá-guarani do Rio Grande do Sul, Brasil, alguns objetos podem ser convertidos em mercadoria. Porém, o *ajaka*, banco zoomorfo, era um presente de Ñanderu, e este não poderia ser vendido. A autora ainda reflexiona o que percebi em meu trabalho de campo, que o que diferencia o artesanato confeccionado como mercadoria, diferencia-se dos demais objetos e afirma que o que determina as distinções contribuí para compreender a intencionalidade das relações mediadas pelos mesmos (ASSIS, 2006).

Segundo bibliografia pode-se denotar que os elementos estudados no artesanato Mbyá-guarani perpassam o grafismo, o ritual, a subsistência, o saber ancestral e a manutenção e atualização cultural.

Dentre os muitos artesanatos confeccionados nas sociedades indígenas, destacam-se entre os Mbyá-guarani os colares (*mbo'y*), pulseiras (*poapy reguá*), chocalhos (*mbaraka*), flautas (*mimby*), arco e flechas, zarabatanas, cestos e esculturas em madeira, "bichinhos". Importante ressaltar que a maioria dos objetos artesanais dos mbya-guarani possui grafismo modelado, este, na cestaria, corresponde aos caminhos que os mbyá-guarani devem percorrer ou percorreram (SILVA, 2015).

A elaboração do arco e flecha entre os mbyá em Paranaguá aumentou com a comercialização do mesmo através do turismo, antes, a confecção estava desaparecendo (LITTAIFF, 1991).

Entre os Mbyá-guarani da Argentina em pesquisa bibliográfica realizada, foi encontrado estudo a respeito da arte através da cestaria. Segundo a autora Else Waag (1972), os colares de contas utilizados pelos caingúá (Mbyá de Misiones) provinham do contato com a sociedade ocidental. Porém ao meu ver, os colares veem sendo usados tradicionalmente mesmo antes da invasão européia, visto que existem registros arqueológicos de colares de conta encontrados em túmulos em toda a América pré-hispânica (PROUS, 2006).

A autora Else Waag ainda afirma terem os caingúá modernos "patrimônio material muy pobre" e que o único trabalho artesanal tradicional que se conservava era a cestaria e os cachimbos de barro, que já estavam sendo produzidos em argila.

Atualmente, na comunidade Mbyá-guarani Yriapú, a cestaria praticamente não é fabricada, restringindo-se a poucas mulheres sua elaboração. O patrimônio material apesar da escassez das matas é abundante, visto que através da intensa mobilidade (SILVA, 2007) entre os Mbyá-guarani consegue-se materiais de qualidade para a elaboração de seu artesanato.

A autora Mbyá Alexandrina da Silva afirma que:

Os colares feitos de sementes servem para se distinguir de outros grupos. Eles significam proteção e fortalecimento do espírito. As sementes são elementos sagrados para o povo guarani (SILVA, 2015).

Isso ilustra como o artesanato mbyá-guarani é múltiplo e único. As peças produzem seu efeito estético, são demarcadores sociais, bem como carregam consigo agência própria. (GELL, 1998) Desta maneira, “o artesanato é algo central para a vida” Mbyá-guarani (SILVA, 2015).

Considerando o exposto acima, sendo o artesanato Mbyá-guarani como uma expressão de saber, um conjunto de técnicas e a continuidade de um conhecimento ancestral, a produção artesanal pode ser concebida como elemento presente no modo de ser guarani, o *tekoa* (MELIÁ, TEMPLE, 2004) antes de ser tido somente como produto final com finalidade mercadológica.

## 2.1 PROCESSO DE PRODUÇÃO ARTESANAL EM SUAS MÚLTIPLAS DIMENSÕES

O artesanato depende de sua confecção por uma pessoa capacitada para tal. O fazer artesanal está presente em dois momentos fundamentais, o ensinar e o aprender. Enquanto artesã desde criança, aprendi tudo que pude com meus pais. Meu pai dedicava-se a produzir peças prioritariamente de arame, como gargantilhas, colares, pulseiras e brincos, cada uma delas possuía pontos de nomes diferentes e que requeriam habilidades diferentes. O fazer artesanal de meu pai com linhas era mais por necessidade do que por apreciar realizar aquelas peças, como colares e pulseiras em macramê. Minha mãe

dedicava-se as miçangas, confeccionava gargantilhas, colares e pulseiras, sua maior habilidade era com as flores feitas de náilon e miçanga, também apreciava trabalhar com canutilha.

O valor atribuído as peças artesanais variam entre alguns fatores, usualmente meus pais atribuíam-no ao tempo dedicado a confecção da peça. Porém quando a necessidade de vendas aumentava, os valores diminuía. Entre os Mbyá-guarani de Yriapú notei que os valores de comercialização de seus objetos artesanais variavam por motivos não aparentes, porém conversando com o artesão logo se sabia o motivo do valor diferente de outra situação ou outro artesão. Igualmente, as peças sempre aparentam valer mais do que o que se é pedido, mesmo em um contexto de turismo o qual está a comunidade de Yriapú, estes valores são pouco maiores que as comunidades em locais não turísticos, como a comunidade Tamarã em Diamante d'Oeste que visitei em abril de 2015. Nesta comunidade, no Oeste de difícil acesso e distante da cidade, adquiri um mbaraka por R\$ 5,00, enquanto em Yriapú este sairia por R\$ 10,00.

Entre o povo amazônico Matis “não é o tempo empregado seguramente o que conta na hora de colocar preço, cada objeto tem uma importância diferente também na hierarquia das coisas” (ARISI, 2011). Sobre a funcionalidade relacionada ao valor, para os Wayana, "Na propriedade funcional, a valorização decorre de o fato do trançado estar sendo usado na função que lhe foi predestinada, a qual muitas vezes está descrita em sua designação" (VELTHEM, 2007).

A fabricação de artesanato em algumas sociedades amazônicas tem o mesmo sentido que a fabricação de corpos (LAGROU, 2010). Pois ao elaborar as peças, a mesma estrutura pode ser usada para elaborar corpos, esta perpassa questões estéticas, ritualísticas e simbólicas (VELTHEM, 2007).

Alfred Gell (1998) insere a questão do conhecimento cognitivo e sua necessária habilidade no fazer manual. Para as autoras Els Lagrou e Van Velthem mais que fazer deve-se localizar o saber fazer, ou seja, fazer mais como o mundo não visível espera do que o mundo material. Isso remete também aos povos indígenas não inventarem ou criarem sua arte, sim recebê-la de um plano metafísico (MONTARDO, 2002).

O percurso da produção artesanal Mbyá-guarani está vinculado a diferentes elementos, desde a composição material que deve estar presente em significativa quantidade, a habilidade do artesão ou artesã, o tempo despendido, o local (para artesanato comercial pode ser público, para artesanato de troca ou presente em local privado), o tipo de artesanato feito por mulheres e por homens e a finalidade do objeto.

O processo de aprendizagem do artesanato durante meu trabalho de campo dependeu de duas ou mais pessoas, sendo uma que domina a técnica e a outra que pretende tê-la ou apenas compartilhar um momento de descontração e conversa. Também ocorre de ambas as artesãs dominarem técnicas diferentes, e no momento da aprendizagem executá-las simultaneamente.

### 3. IMPRESSÕES DE CAMPO: PRIMEIROS CONTATOS

Quando cheguei pela primeira vez na aldeia de Yriapú não tinha ideia que o objeto de pesquisa se constituiria no artesanato Mbyá-guarani. Tinha elevadas pretensões de quem nunca esteve em trabalho de campo. Minha primeira tentativa de trabalho de campo foi entre os guarani de Mangueirinha, Paraná. No segundo semestre de 2014 impossibilitada de voltar as aulas presenciais, busquei de todas as maneiras ir até a Terra Indígena (TI) de Mangueirinha, lá pretendia adaptar-me a cultura e pesquisar a questão territorial entre os Guarani, Xokleng e Kaingang que ocupam o mesmo aldeamento. Não logrando possibilidades financeiras e alguém para acompanhar-me (meu pai me dizia que era perigoso eu ir para lá sozinha, recusando-se a me levar), usei este tempo para tentar da criatividade elaborar um trabalho consistente sobre a minha família, em especial sobre o ofício de meus pais.

Entrevistando minha tia, que contava animada como tornou-se professora e mãe de quatro filhos também fui animando-me a ter nossa história como elemento de TCC. Qual não foi minha decepção quando ao entrevistar meu avô, pai de meu pai, que foi caminhoneiro durante trinta anos, ter relatos curtos e dispersos. Desisti deste segundo projeto e voltei ao meu interesse que estava em Etnologia Indígena. Ao regressar para a universidade em 2015, visito Yriapú pela primeira vez a convite de meu colega Protapi (Alex Caleb). Então minha expectativa sobre o Trabalho de Conclusão de Curso converte-se na tentativa de escrever a partir da narrativa ficcional as impressões da infância Mbyá-guarani. Quando questionado um de meus interlocutores se poderia estar entrevistando sua esposa e família a respeito de sua história, recebi um contundente não. Porém permaneci visitando a aldeia, até o dia em que Mbaraka me solicitou que ensinasse o artesanato filtro dos sonhos a sua esposa.

Passado toda a situação inicial já descrita neste trabalho, constituí através de minha intervenção um tipo de relação conectado a produção artesanal, em especial nas famílias de Catalina e Susana. Esta relação fez com que meu trabalho de campo se desenvolvesse em duas frentes, enquanto artesã e enquanto pesquisadora.

Enquanto artesã tive inúmeras dificuldades, como a falta de recursos para bons e variados materiais, o tempo despendido na confecção de peças que teve reflexo no meu

trabalho enquanto pesquisadora necessitando de dados imediatos e o desgaste físico e mental em processar dados não descritíveis ou tangíveis em palavras neste presente texto. Porém, os ganhos foram muito maiores que as dificuldades.

Pude aproximar-me rapidamente das famílias, pois existia um vínculo que somente enquanto pesquisadora não poderia ter penetrado. Pude aprimorar o meu fazer artesanal, bem como minhas relações com as pessoas. O ensino do artesanato também possibilitou-me junto da orientação recebida ao longo do processo de campo, afinar meu olhar sobre determinadas coisas que são caras ao cotidiano de quem está inserido em um contexto urbano ou acadêmico. Enquanto pesquisadora, vi o fazer artesanal como uma vantagem, porém ele me deu a necessidade de seguir pós-graduação minha investigação.

Enquanto ser afetada (FAVRET-SAADA, 2012) o contato inicial com Yriapú serviu para o meu autoconhecimento, seguir com este contato, espero poder servir para uma contribuição efetiva a comunidade.

### 3.1 METODOLOGIA ADOTADA

Utilizei a tese de Deise Montardo (2002) como fonte de inspiração e respaldo metodológico o estar em companhia constante de uma interlocutora, assim podendo ter um local fixo que servisse de lente para o restante da aldeia, bem como a produção de etnografia. Com o passar de 11 meses do primeiro contato com a comunidade através da família de Catalina, conheci quem viria ser minha segunda interlocutora, Susana.

A observação participante manteve-me ligada a comunidade através do vínculo do artesanato. Através dele foi possível estar enquanto visitante nas casas. Observei em etnografias aqui citadas e em colegas de ofício que aproximar-se da comunidade com um curto prazo para o trabalho de campo era possível através da escola ou de algo definido fora da comunidade. Por esse motivo, preocupei-me em visitar a comunidade antes mesmo do semestre intitulado “Trabalho de Campo” pois somente seis meses não me pareciam tempo hábil para encontrar o que viria a ser o objeto de estudo.



Desta maneira, escolhi a observação participante como principal ferramenta antropológica para se estar primeiro entre os Mbyá-guarani, depois entre as mulheres e somente por último entre artesãs. Assim, realizei o ensino artesanal bem como produzi etnografia com o intuito de através da narrativa fixar o tempo espaço bem como as situações vivenciadas enquanto artesã e pesquisadora.

### 3.2 ARTESANATO MBYÁ-GUARANI: ETNOGRAFIA DA TRAJETÓRIA DO FAZER ARTESANAL

*"A observação participante significa, parece-me, muito mais a possibilidade de captar as ações e os discursos em ato do que uma improvável metamorfose em nativo."*  
Márcio Goldman

A realização da pesquisa de campo demandou de mim o duplo ofício: artesã e pesquisadora. O primeiro compreendo como o mais intrínseco e completo a minha demanda, o segundo, em constante lapidação. Após a "descoberta" de meu objeto de estudo, tinha o interesse em registrar o artesanato Mbyá-guarani como elemento condensado em uma "caixinha" disponível a abertura quando necessário, mas isso não foi possível. Meu campo sempre me jogou o título de artesã antes do de pesquisadora.

As peças que me serviram para interatuar com as mulheres da comunidade de Yriapú, em especial Catalina e Susana foram todas aprendidas com meus pais. Sendo que meu pai, assim como eu, é artesão desde criança. São elas pulseiras de macramê sírio, brincos de pena, colares de pedras, filtro dos sonhos que podem ser feitos com a finalidade de ser brinco, colar, decoração de ambiente ou mesmo de filtrar os sonhos. A origem do artesanato com linhas segundo meu pai é africana. Já o artesanato com arame teria origem latina, em específico peruana.

**Foto 1** – pulseiras de macramê sírio produzidas em oficina



*Fonte: própria*

Minhas descrições etnográficas estão repletas do meu fazer artesanal, muito mais que o fazer artesanal por parte das mulheres Mbyá. Quando via elas realizando algum artesanato era porque antes eu estava provocando elas a fazer. O artesanato Mbyá-guarani que tive acesso em forma de presente ou que me foi oferecido para comprar estava sempre pronto. Certa vez chegando a casa de Catalina, ela estava desmanchando um pedaço de pulseira que mesclava sementes com miçangas, momentos depois ela para de fazer isso e inicia conversa comigo.

Nossas conversas caracterizavam-se por serem baseadas na troca de experiências e no ensino do artesanato. Porém, como dito acima, eu deveria provocá-las a confeccionar as peças. Como por exemplo, certa vez, estava conversando com Susana e chegando um casal de anciãos, fui deixada de lado da conversa. Fiquei chateada, então entre as opções ir embora ou começar a fazer uma pulseira, optei pela segunda, o que rendeu a aproximação de mais duas mulheres e uma garota, ademais de Susana que voltou até meu lado para aprender tal artesanato, tendo eu ido embora horas somente horas depois.

As peças artesanais encontradas na comunidade estão disponíveis a venda na feira de artesanato, localizada no outro extremo da escola. Esta feira existe com o intuito

de atrair a compra pelos turistas que ali transitam, pois com o turismo, poucas famílias usufruem do recurso. Assim, quando uma pessoa tem determinado artesanato pronto para venda, leva até a feira para que seja vendido. As pessoas responsáveis pelo local são os residentes da casa atrás a bancada da feira, segundo Susana, as vezes vai outros artesãos vender seus próprios produtos, porém efetivamente eles deixam para que seja vendido e buscam seu resultado monetário posteriormente.

Em minha atividade artesanal, seguindo o conselho de minha orientadora, concentrei-me em não estabelecer um local fixo para ensino ou aprendizagem, assim, deixei as circunstâncias levarem-me até a casa de Catalina e meses posteriores a casa de Susana. Esta atitude teve o efeito de sempre ter alguém para ensinar e conversar. Nos primeiros meses frequentava quinzenalmente a casa de Catalina, ela, casada com Mbaraka constituiu uma família com sete filhos, sendo a mais velha com 18 anos e o mais jovem com aproximadamente dois anos.

Quando Mbaraka estava em casa as oficinas aconteciam tranquilamente, levava material como barbante encerado, miçangas, pedras, porcelanas para ensinar-lhe o que havia proposto, bem como presentes para as crianças. Quando Catalina estava só, as crianças demandavam muito sua atenção, e minha inabilidade enquanto mãe fez com que eu reduzisse as oficinas ao ponto de visitar-lhes para dialogar sobre artesanato, com o intuito de aprender o significado de cada peça artesanal. No final de meu trabalho de campo estes significados começaram a ser delineados, diversas vezes incuti perguntas do tipo “porque existem os colares com três contas para homens e com duas contas para mulheres?”, “porque existem colares femininos e masculinos?”, “qual o significado dos desenhos geométricos nos bastões do arco e flecha?”, porque se utiliza penas de galinha em muitos artesanatos, qual a diferenciação entre os artesanatos feitos para o comércio e os feitos para troca ou presente. Porém com muito custo, obtive poucas respostas, como qual era o colar para mulher (contas de *lagrima de la virgen*<sup>8</sup>, escurecidas em azeite quente) e qual era para homem (contas de *lagrima de la virgen* cinzas naturalmente). Também obtive resposta no observar e não no falar, do que era feito para comércio era feito publicamente e o que era feito para presente ou troca era feito reservadamente.

---

8 Conhecidas popularmente no Brasil como Lágrima de Nossa Senhora.

**Foto 2** – colar de contas feminino (escuro) e masculino (cinza) produzidos por Catalina



*Fonte: própria*

### As sementes

As sementes são milenarmente usadas entre outros motivos como adornos artesanais. Existem dados arqueológicos que demonstram a utilização delas pelos homens na América a aproximadamente 8.500 mil anos (PROUS, 2006).

As sementes são sagradas para o povo guarani (SILVA, 2015). Aquelas utilizadas frequentemente no artesanato Mbyá-guarani é a “lagrima de la virgen” (*coix lacryma-jobi*), olho de boi (*mucuña*) e aguái. Estas responsáveis pela confecção de colares, pulseiras e artefatos decorativos acompanhados de cabaça. A cabaça purungo é utilizada na confecção de mbarakas, chocalhos usados em rituais ou comercializados, em zarabatanas e cuias para mate. O arco e flecha é feito com madeira ou fibras, delicadamente adornado com penas.

**Foto 3** – colar de contas com semente de olho de boi produzido por Tita



*Fonte: própria*

**Foto 4** – Mbaraka com zarabatana produzido por Susana



*Fonte: própria*

## As miçangas

Entre os Mbyá-guarani a utilização de miçangas é frequente, só menos frequente que a utilização da semente *coix lacryma-jobi* - “lágrima de la virgen”. Com ela, é possível confeccionar colares e pulseiras. A autora Els Lagrou (2012) em seu trabalho “*O caminho da Miçanga: arte e alteridade entre os ameríndios*” descreve o desdobramento histórico destas contas de vidro, mesmo antes da chegada delas na América, elas estariam entre os itens mais antigos encontrados em túmulos pelos arqueólogos e testemunharam redes de intercâmbio entre África, Europa e Oriente. Diante do paradigma perspectivista do corpo e a noção de pessoa entre os ameríndios traz a autora a possibilidade de focar seus estudos no campo artefactual destes povos.

Quando os europeus chegaram a América, uma das formas de reciprocidade se demonstrou através das miçangas em troca de matérias-primas, tanto os europeus quanto os ameríndios pensavam estar fazendo vantajosa troca, assim como a Europa não conhecia aquelas riquezas, a América desconhecia o método de produção das contas de vidro. Eram elas duras, fortes e coloridas.

O gosto indígena pelos colares de contas fez com que as contas de vidro trazidos pelos europeus caíssem em solo fértil (LAGROU, 2012).

Durante meu trabalho de campo, questionei-me do porque o interesse dos Mbyá-guarani em relação as miçangas, já que refletindo sobre meu próprio gosto, preferia as sementes. Lagrou responde este questionamento ao direcioná-lo citando os estudos de Lévi-Strauss e Pierre Clastres que demonstravam que para a maior parte das sociedades (assim como as pessoas) situam no exterior a fonte de inspiração artística e cultural (LAGROU, 2012). Entre os povos amazônicos, a miçanga aparece de maneira ambígua, hora a responsável pela construção de corpos, hora como responsável pela propagação de doenças.(idem) Em determinados momentos em diferentes povos a interferência exterior foi vista de maneira controversa.

Através da miçanga enquanto objeto, é possível estabelecer relações entre

artefatos e pessoas, bem como ela pode constituir extensão desta relação (ibdem).

Entre os Mbyá-guarani da comunidade Linha do Gengibre, no Rio Grande do Sul, a miçanga é usada para a confecção de colares e pulseiras, para uso próprio ou para venda (SILVA, 2015). Na comunidade de Yriapú são confeccionados colares e pulseiras de miçanga, porém expostos a venda em muito menor escala que os artesanatos de sementes.

**Foto 5** – Colar de miçanga confeccionado por Catalina



*Fonte: própria*

Recordo-me de certa vez que Catalina me encomendou miçangas para levar uma próxima visita. Outra situação relacionada foi quando seu cunhado Aníbal, irmão de Mbaraka e esposo de Susana, encomendou-me um colar de miçangas vermelhas e azuis. Como não tinha miçangas vermelhas para a outra semana, levei um na cor verde e amarelo, bem como uma pulseira de barbante encerado azul marinho e amarela na visita

da semana seguinte, Susana me disse que em uma festa em Mboroere, Aníbal em certa altura da noite lhe presenteou com o colar que havia lhe dado. Quando enfim, na terceira semana de visita passado o pedido, levei o colar de miçangas azul e vermelho, ele demonstrou alegria e quando o colocou o beijou. Susana me explicou certo dia depois que aquelas eram as cores de seu time San Lorenzo enquanto azul e amarelo da pulseira que ele também havia lhe dado, eram as cores do time rival, o qual ela torcia, o Boca Juniors. Até minha última visita a comunidade, Aníbal usava o colar.

Durante a graduação, sempre interessou-me mais o relato etnográfico do que qualquer outra parte nos trabalhos lidos, visto que “a etnografia não é algo que se faz espontaneamente” (PEIRANO, 1995) sim está condensada em um devir (GUATARRI apud GOLDMAN 2003). Na Antropologia, existe uma discussão sobre a etnografia ser ou não válida quanto ciência. Tim Ingold (2008) endossa algumas páginas sob o título *Etnografia não é Antropologia* com citações de filósofos e cientistas sociais para defender a diferença avassaladora entre um e outro. Diferente do autor, acredito ser a Etnografia Antropologia, bem como acredito a etnografia por si mesma composta do horizonte comparativo que a Antropologia necessita, pois ao descrever uma situação incomum ao antropólogo, surge o produto da interação dele com a comunidade.

Em “*Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos (...)*” o autor Márcio Goldman escreve a favor de um fazer antropológico através da etnografia, enquanto apresenta as dificuldades encontradas por ele na interação de escalas e relata como essa fragmentação de seus dados em prol da Antropologia poderia afetar a qualidade de seu trabalho. O texto inicia-se com um relato etnográfico atribuído a religiosidade e salta em diversos momentos ao seu trabalho passado envolvendo céticos políticos. Desta maneira, ele mostra como “a desterritorialização sofrida no campo pode encontrar um novo solo onde se reterritorializar” (GOLDMAN, 2003).

Ensinar artesanato característico dos *hippies*<sup>9</sup> para artesãs Mbyá caracterizou-se um desafio, visto que elas dominam técnicas e relações de trabalho que desconheço. Também estabelecer em um período de visitas de dezesseis meses de contato com os Mbyá de maneira mais profunda a ponto de obter respostas as minhas perguntas

---

9 Movimento New Age surgido nos Estados Unidos na década de 60.



demonstrou o quanto nosso tempo é diferente do tempo deles. Quando já estava inserida a aproximadamente doze meses na comunidade, o professor de guarani Mario Ramão perguntou-me como foi para estar entre eles, já que é difícil conseguir contato. Ao longo de minha pesquisa bibliográfica, encontrei relatos esparsos contendo a mesma informação, um deles, falando sobre os Mbyá do Rio Grande do Sul, diz exatamente o que presenciei entre os mbyá de Yriapú:

“(...) ser aceito pelos Mbyá não é tarefa muito fácil. Geralmente eles são polidos com todos os que os procuram, mas suficientemente frios e contundentemente evasivos quando a presença alheia não lhes interessa. (ASSIS, 2006. pg. 36).

Assim como minhas oficinas deveriam acompanhar momentos oportunos e um local não fixo para sua realização, as situações relacionadas ao artesanato acompanharam o mesmo estilo, estando na amaga das situações. Desta forma, optei por incluir a etnografia a seguir, assim, buscarei “fixar no escrito o que está sendo dito no fluxo da interação social” (GEERTZ apud LANGDON 1999).

### 3.2.1 *A chuva de pedras*

Cheguei na aldeia Yriapú pela tarde. O tempo estava bom, tinha Sol. Cumprimentei as garotas na entrada da aldeia, fui até a casa de Mbaraka e Catalina. Encontrei o casal e a filha mais velha, Miguelina. Mbaraka e Miguelina estavam de saída, logo Catalina e eu sentamos na área de visitas, que fica abaixo da sombra de uma modesta árvore, lhe presenteei e então começamos a fazer pulseiras. Ensinei ela a fazer a pulseira de macramê, mas não lhe falei o nome, em outra ocasião lhe falarei. Ensinei dois pontos diferentes deste artesanato. Enquanto isso, ela me contou que dias antes havia ido ao Paraguai visitar sua irmã e trouxe algumas coisas.

Sempre ganho flores de suas filhas pequenas, desta vez ganhei uma flor de batata do mato.

Eu gosto muito de ver Catalina sorrindo. Às vezes, por segundos, principalmente

quando observo suas mãos, tenho a sensação de estar com minha mãe.

Enquanto estávamos fazendo artesanato, surgiram dois homens que eu ainda não conhecia, o que surgiu primeiro perguntei a Catalina quem era, ela me disse que era um amigo de Robin, seu filho mais velho mas que havia vindo com Miguelina, mas ela não sabia se estavam namorando ou o que, por final, disse que eram jovens e bonitos e que desfrutassem.

O segundo homem estava sendo pago por Mbaraka para limpar seu quintal, cortar o mato excedente. Com Catalina, falamos sobre cores nas roupas e o que elas possivelmente podem atrair.

Próximo da hora de ir embora, começa uma chuva de granizo, muitas pedras maiores que bolas de gude, corremos todos para dentro de casa, fico ansiosa, pois nunca havia presenciado nada igual, então começo a rezar, logo sinto-me protegida diante da tranquilidade das crianças, porém preocupa a Catalina e a mim o fato de Robin que recém estava com nós não encontrava-se no interior da casa.

A chuva de pedra dura aproximadamente cinco minutos, ao sairmos encontramos Robin que estava em algum lugar da aldeia, em seguida chega Mbaraka e Miguelina e me conta que caiu várias árvores na estrada, então me despeço e volto para o Brasil.

Para os Mbyá “a casa é o espaço mais íntimo da unidade doméstica, enquanto o pátio é o lugar público” (ASSIS, 2006). Esta foi minha primeira visita ao interior da residência de Catalina de três vezes que fui convidada a entrar. A segunda vez foi para visitar o filho dela que estava com a perna engessada e a terceira vez para ver seu neto recém-nascido que dormia. Todas as vezes ficava pouco tempo e ela demonstrava se retirar para que eu fizesse o mesmo.

### *3.2.2 Conhecendo a família de Susana*

Na primeira quinta-feira de abril de 2016 cheguei em Puerto Iguazú – Argentina por volta das 14:00, atravessando o caminho que liga a cidade a aldeia, são aproximadamente 15 minutos. Passando a escola que encontra-se na entrada da aldeia,

virei a esquerda rumo a casa de Mbaraka e Catalina, lá chegando, em um conjunto de três construções de madeira (a casa provisória, a casa que está sendo construída e a venda) encontrei na construção um rapaz esperando eles, me informou que eles não estavam mas logo voltariam, estranhei as crianças não terem vindo falar comigo, mas logo chega Gabi, uma das filhas do casal e me disse que seus pais tinham ido ao Brasil, no centro de Foz do Iguaçu, de onde eu tinha acabado de vir (!) para comprar uma nova moto, pois a moto antiga de Mbaraka foi vendida a seu irmão, o mesmo que comprou sua antiga casa. Gabi logo entrou novamente e puxei assunto com o rapaz que aí estava. Lhe perguntei seu nome, se ele vivia em Yriapú, disse que sim, tinha nascido aí, porém tinha vivido algum tempo entre os guarani do Paraguay, Ocoy, e tinha parentes aí e também nas comunidades Jasy Porã, Mboroere de Puerto Iguazú.

Perguntei onde vivia o cacique e me disse apontando ao longe "por alla, pero ahora no se sabe quién es el cacique, porque tenemos como tres o cuatro que se dicen cacique pero no lo son, todavia no fue definido quién lo és" então lhe disse que eu ouvi dizer que deveria visitar-lho, dizer quem sou eu e o que estou fazendo aí, então ele disse que quando já se conhece uma família (como eu conheço a de Mbaraka), não existe mais essa necessidade.

Lhe perguntei se ele fazia artesanato e alegre me disse "sim, em minhas horas livres faço. Por aqui, quase todos vivem do artesanato". Por saber isso, lhe ofereci algumas das penas de pavão que levei para Catalina, ele demonstrou amabilidade ao recebê-las. Em algum momento da conversa, lhe pedi se podia tomar o tererê que ele estava tomando e me disse claro, só não lhe ofereci antes porque a água estava quente, então começamos a beber com a água fria que levei. Perguntei em algum momento se ele tinha filhos, me disse que não, que viva apenas com seus pais.

Quando lhe indaguei sobre as diferenças das comunidades e lhe disse minha afeição especial a Jasy Porã, me disse que o cacique daí, Roberto é seu cunhado e lhe disse que já o conhecia. Logo me disse que gostava de viver em Yriapú porque todos se respeitam. Contei para ele que estava tendo aulas de guarani e lhe perguntei o que significava Yriapú e disse "Yriapú és sonido del rio". Me agradeceu as penas de pavão e partiu.

Dominga apresentou-se logo em seguida de procurar-me para comprar uma

pulseira. Por sorte tinha uma na mochila, lhe presenteei e ela presenteou-me com uma visita a sua casa.

A casa onde morava Mbaraka e sua família, foi movida até o terreno onde vive agora seu irmão. Seu irmão Aníbal é casado com Susana, filha de dona Dominga. Fui apresentada a toda a família, conheci o sobrinho de Aníbal que me contou inclusive que conheceu os Kaingang em Londrina e que mesmo tão jovem, também conhecia várias aldeias guarani ao sul do Brasil.

Ao lado da entrada da casa está posta uma mesa com bancos, onde cabe toda a família e mais os visitantes. Perguntei a Susana se sempre era assim, "- assim como?" respondi "todas essas pessoas, preparando a comida, cozinhando..." "si, sempre és, y siempre invitamos todos, solo no invitamos cuando no tenemos alimento" respondeu-me.

Entre os mbyá-guarani de Yriapú percebi que as famílias sempre são extensas.

A organização social dos Guarani baseia-se na família extensa, ou seja, família composta do pai/sogro, filhos solteiros, filhas casadas e genros. (...) Ela é uxorilocal, porém temporária (isto é, o genro abita a casa de seu sogro até o nascimento do primeiro filho e a estabilização do casal, quando então estará livre para decidir seu destino residencial (Schaden apud Litaiff, 1991).

Estava sentada de costas para o Sol na ponta da mesa, Aníbal em frente a mesa, Suzana em frente de mim, Dominga na outra ponta extrema, o sobrinho de Suzana do meu lado preparando a salada, Vitor o filho de Susana de pé servindo tererê, duas mulheres, uma delas, Tita, a filha de Susana, atrás da mesa com seus bebês, várias crianças chegando e saindo. Enquanto falávamos de artesanato, olho a minha direita e vejo um rapaz, genro de Susana, atrás de nós talhando um tamanduá em madeira, muito maior dos que comumente vemos em exposição, surpreendida eu disse, "que lindo!" e o rapaz demonstrou vergonha mas continuou fazendo seu trabalho então ele disse que também tinha tartaruga, e disse que podia ir buscar então lhe falei que se não fosse longe ele poderia ir buscar, e não sei porque, eles entenderam que eu questionei se era uma tartaruga viva, e todos riam.

Susana ao saber que eu fazia artesanato, me presenteou com um colar de *lagrima*

*de la virgen*, as sementes estavam bem escuras, e disse para mim desmanchar para fazer artesanato, em seguida lhe dei algumas peças, cristais, sementes, madeiras e porcelanas para artesanato.

Perguntaram quem eu era, de onde eu era e o que fazia, lhes respondi e logo Aníbal me disse, " Si, tu eres la que venia enseñar Catalina?" e lhe respondi que sim e então toda a família começou a me questionar o que eu ensinava, e falei do artesanato e minha relação com ele e meus pais, lhes contei que meu bisavô era guarani, " ah, mira." me diziam.

Susana disse o que em certa medida eu tinha ido buscar lá, que eu ensinasse artesanato a ela também.

Todo o tempo conversavam entre si em guarani e riam e logo me incluíam em espanhol na conversa e ríamos. As crianças adoram falar coisas em guarani e rir porque não entendo.

O Sol estava de frente a casa de Aníbal, o clima era de festa. Lembro ter sentido essa sensação em Mboroere na festa da primavera, porém desta vez era mais intenso porque estava na comunidade de Catalina, ao lado de sua casa, assimilando que isso viria a acontecer novamente incontáveis vezes.

Me despeço da família de Susana, lhes digo que devo ainda falar com Catalina antes da saída do último ônibus ao Brasil, agradeço a Dominga e a Susana pela tarde.

Chego novamente a casa de Catalina, Luz me trouxe uma flor e logo me chamou para ver outras plantas. Mostrou-me incontáveis, grandes e pequeninas flores e disse o nome de quase todas elas em guarani. Mostrou-me o lindo jardim que existe ao redor de sua casa que eu nunca tinha parado para olhar, disse-me ela e suas irmã Gabi que nada é plantado, que elas crescem assim, "no mas".

Quando Catalina chega, Mbaraka e seu neto, ele faz brincadeira, dizendo que Catalina teve mais um bebê em apenas dois meses, e lhe digo que já sei que é o filho de

Miguelina, e todos rimos, Catalina se aproxima apresentar-me Eber Rodrigo, seu neto o qual ela está amamentando enquanto sua filha está no colégio.

Entrego os presentes a Catalina e lhe mostro as penas verdes de pavão dizendo que trouxe os materiais para fazer um brinco para ela e outro para Miguelina, Gabi logo pergunta, "y lo mio?" então também lhe faço deixo um.

Catalina pergunta porque eu não tinha vindo mais, respondo que tive problemas com meu documento vencido, impossibilitando-me de cruzar a fronteira. Então ela diz que gosta que eu venha visitá-la. Conversamos mais um pouco e me despeço.

### *3.2.3 O almoço na casa de Catalina*

Fui convidada por Catalina na última visita para almoçar nesta quinta-feira, me pediu para eu ir pela manhã. Era dia 14 de abril de 2016, cheguei e já estavam almoçando, macarrão e carne bovina. Disse-me que pensava que eu não ia mais, lhe contei que tive problemas e esperei por muito tempo o ônibus. Darci disse-me " tu no comes carne, si?" e disse que evitava, pediu em guarani para Catalina cozinhar um frango e quando vejo ela saindo com o facão e o pacote congelado de coxa e sobrecoxa lhe digo que não precisava já que eu era convidada. Catalina serve-me e conversamos ao longo do almoço.

Darci contou-me que a turma a qual ele leciona de 5ª série do ensino fundamental promove celebração do aniversário dos estudantes de maneira comunitária e que eles levavam biscoitos e alimentos e que naquele dia era aniversário de um dos dois garotos que não pertenciam a comunidade mas que eram de famílias humildes e vinham de longe. Perguntei-lhe se próximo a casa deles existiam escolas regulares e me respondeu que sim, perguntei-lhe porque então vinham estudar ali, e me disse que ali eles não sentiam-se discriminados. Lhe dei um colar de pedra para presentear o garoto e para minha surpresa Darci pareceu extremamente feliz, dizendo-me que o garoto gostaria muito.

Darci termina de almoçar, troca de roupa e vai trabalhar, já está na hora da aula, a escola em frente a casa do casal está cheia de crianças. Despede-se de mim e diz para

eu ficar a vontade, pergunto se posso ficar ali pela tarde com Catalina, me diz que sim.

Passo a tarde conversando com Catalina. Ela pergunta-me se não trouxe nada para fazermos artesanato, lhe digo que não, que aquele dia tinha ido somente para conversar. As crianças estão bem comunicativas entre si, antes de sair, Darci trouxe Robin no colo para fora, seu filho que encontra-se com gesso na perna e brinca comigo dizendo: " mira mi bebe". Jogam carta, cortam cana, mexem no celular e provocam-se enquanto tento conversar com Catalina.

Vejo Liz em algum momento com o facão tentando cortar um pedaço de cana. Logo passadas algumas horas, peço a Catalina para ir comigo até a casa de Susana, com o intuito de provocar um encontro entre as duas, mas Catalina diz para eu ir com sua filha Luz, Luz diz para eu ir com sua irmã Liz e chegamos na casa que é do outro lado da trilha de caminhada e lá estavam somente os homens, Aníbal me cumprimenta e me diz que Suzana saiu com sua mãe Dominga e que não voltaria tão cedo, lhe deixo seu brinco e ele encomenda-me um colar de miçangas azuis e vermelhas, com pedra semelhante a do brinco de sua esposa, digo que levo na próxima visita. Volto a casa de Catalina e despeço-me, digo que venho no sábado.

#### *3.2.4 A visita de sábado*

No sábado, como prometido, fui visitar Catalina e sua família com meu companheiro. Nos sábados se não chove ocorrem partidas de futebol e tinha a esperança que ele se unisse aos homens enquanto conversava com Catalina, mas ficamos juntos. Percebo que a maioria das atividades públicas na aldeia são segregadas pelo gênero, e quando não respeitada esta regra como neste caso, o silêncio é predominante. A diferença de gênero é tida como complementaridade e como a mais básica das formas de reciprocidade (ASSIS, 2006).

Tem muitas pessoas hoje jogando baralho, mulheres e crianças fazem aposta, quem não está jogando no momento está olhando de pé atrás dos jogadores. Mbaraka chega e nos cumprimenta.

Aproxima-se em algum momento o rapaz que conversei em uma visita passada,

enquanto esperava Catalina e que presenteei com penas. Me presenteia com um colar de sementes e diz que é pelas penas que lhe dei outro dia, rapidamente despede-se. Darci momentos após também sai e diz que logo volta.

Conversamos mais um pouco com o casal e como a conversa não flui como de costume, logo nos despedimos.

### 3.2.5 O dia da visita a *opy*

Em uma sexta-feira do mês de abril de 2016 fomos convidados, eu e meu companheiro por Alex para irmos na escola intercultural de Yriapú a pedido e convite de Mbaraka. Em minha “busca por participar nos sistemas sociais mais amplos” (BARTH, 2000) aceitei o convite.

Alex tinha conversado um dia antes com ele por telefone e nos avisou que naquela sexta-feira as crianças participariam de uma atividade na *opy* fiquei feliz pelo convite, pois “é na *opy* que ocorrem os eventos rituais essenciais para o grupo” (ASSIS, 2006) e a muito tempo gostaria de ser convidada para alguma cerimônia na casa de reza.

Acordamos às 5:30 da manhã para estarmos lá às 8:00 a.m. Chegando na escola, o tempo que já estava fechado fica ainda mais carregado e Mbaraka nos informa que não há como realizar atividades na *opy*. Fico triste, principalmente por saber a relação da chuva com Tupã, algo que em uma visita anterior Mbaraka já havia me dito, que a chuva gera a não há possibilidade de se visitar a *opy*.

Enquanto conversamos na área externa da escola presenteio Mbaraka com um colar semelhante ao que levei também ao seu irmão para entregar mais tarde. Ele não demonstra muito interesse mas o coloca no pescoço. Darci nos comenta que terá que dar aula até às 12:00 mas iria nos encontrar no intervalo das 10:00, perguntamos se podemos os três lhe esperar em sua casa na companhia de Catalina, ele diz que sim, que não há problema. Vamos à casa de Catalina, ela me diz que não me esperava, e lamento com ela o fato de não podermos ir aquele dia na *opy*, digo para ela que Tupã não quer festa e ela ri enfaticamente. Contamos para ela que fomos a Tamarã em Diamante d'Oeste na terça-



feira, ela me diz que não conhece lá.

Alex encontra com o cacique Marcelo Alex mostra em seu laptop os vídeos que gravou em São Miguel do Iguazu na semana cultural da escola da aldeia Ocoy, onde foi convidado com o companheiro Cosme, indígena da Unila a ensinar as crianças da escola uma dança amazônica denominada dança da Anaconda.

O cacique, Catalina e parte dos seus filhos assistiram atentamente os vídeos debaixo da cobertura que nos prevenia da chuva, logo depois chegou Darci de seu intervalo e assistiu os vídeos também, logo Alex mostrou o vídeo em seu celular de um canto sagrado executado em Ocoy que eu também tinha ouvido em Tamarã na mesma semana, digo antes de ver o vídeo que era em Tamarã e Alex me corrige então vou ver o vídeo junto deles e Darci me pergunta se eu ainda não tinha visto, digo que não, mas tinha escutado a mesma música aquela semana, pergunto o que significa as palavras da canção, ele parece não querer responder-me, dizendo apenas que aquele é um canto de cura e não sabe porque eles apresentaram ele assim.

Lhe digo que tinha ouvido na *opy* o rapaz da aldeia de Tamarã falando que agora eles tem permissão de dizer certas coisas, que isso talvez teria relação, então ele me interrompe e me diz que não se trata de autorização e que não saberia me explicar ao certo. Esta atitude de Mbaraka demonstrou como as pessoas participam de universos de discursos múltiplos, mostrando que não há uma cultura homogeneizada (BARTH, 2000).

Digo a ele que entendo, ou que pelo menos tento lhe entender. Levanta e volta a escola, Alex me informa que ele foi trabalhar e volta depois, a chuva segue. Alex mostra vídeos de danças em outras aldeias que ele baixou na internet, as crianças assistem atentas, também mostra um vídeo de dança em sua comunidade. O cacique despede-se e vai em algum lugar com um ônibus que chega e lota de adolescentes e crianças da aldeia.

Darci volta de seu trabalho. Conversamos sobre quando Catalina virá a nossa casa, lembro que o aniversário dela está próximo, digo a Darci que poderíamos ir depois das atividades na escola na próxima sexta-feira, já que seu aniversário é no sábado, ele diz que sim, mas que talvez ele não iria junto, somente Catalina e suas filhas, lhe digo que

tudo bem, como ele quiser.

Aníbal surge em algum momento e lhe presenteio com o colar que lhe levei, Darci vê o colar do irmão e nota que o seu é mais bonito após Aníbal lhe dizer, percebo que aí ele olha com outros olhos seu presente. Digo a Aníbal que farei um mais bonito para ele e que não tinha a cor azul, por isso fiz para ele verde, e para seu irmão, amarelo.

Digo a Catalina que vou visitar Susana e depois me despeço dela, vou até a casa de Susana enquanto Alex e meu companheiro estão com Darci e Aníbal tentando arrumar uma fiação que parecia ter explodido com a chuva. Susana me recebe com alegria, e da frente de sua casa podemos olhar os homens conversando e segurando os cabos.

Quando chego lá, magicamente o Sol surge e volta a ficar quente, nem parecendo o tempo que estava quando cheguei. Me pergunta quem são os que vieram comigo, lhe digo que é meu companheiro e meu amigo e que moramos todos juntos. Pergunto se posso chamar eles para lhe apresentar e ela diz que é melhor esperar que eles venham com Aníbal. “A distinção de gênero é também um aspecto que participa da produção do corpo e da pessoa (para os Mbyá), indicando um dos âmbitos de classificação de papéis sociais” (ASSIS, 2006).

Susana me apresenta Rosana, uma garota de 17 anos, me conta que ela morava com sua mãe em Mboroere mas faziam 4 anos que ela havia falecido, que ela não podia acreditar até hoje e desde então, a garota estava vivendo com sua avó de criação ali na aldeia e agora Susana havia chamado ela para viver com ela. Pergunto sobre Dominga sua mãe e em algum momento chegamos no assunto sobre sua criação, começa a me contar coisas de sua vida, diz que não foi criada por sua mãe e sim por sua vó.

Entramos no assunto língua guarani e ela me diz se eu não posso lhe cantar alguma canção que daí ela me cantaria alguma em guarani, sinto-me envergonhada, então lhe canto uma canção. Ela demonstra gostar e então canta-me uma canção que me diz depois que era do tempo em que estavam chegando os colonizadores, então os antigos cantavam que eles iam andar para algum lugar, que para algum lugar iriam caminhando. Me diz também que essa canção pode-se cantar para as crianças dormir.

Canta outra canção que diz que é tradução daquela "boi, boi, boi, boi da cara preta" em guarani, também para crianças e depois canta-me outra canção em guarani. Ao todo canta-me três canções. "A música, o cantar (...) têm caráter invocatório" (MONTARDO, 2002). Lhe agradeço profundamente e seguimos conversando.

Susana orienta Rosana em esquentar a água do mate e trazê-lo até nós, os garotos aproximam-se então junto de Aníbal, apresentam-se e sentam-se junto dele separado de nós, podemos ouvir a conversa de ambos os grupos, porém são distintas conversas entre nós mulheres, Susana, Rosana e sua filha Rosalba e os homens, Aníbal, André, Alex e Tupã Mbaraka, marido da filha de Susana.

Em algum momento Susana pergunta se temos tempo, pois ela vai fazer chipa, lhe pergunto se posso acompanhá-la, ela diz que sim, vamos as quatro para a cozinha, ela me ensina a fazer: coloca farinha de trigo em uma bacia, água e sal, mistura e joga farinha na mão para não grudar com a massa, faz uma espécie de massa de pão em formato de bola grande, separa uma quantidade para fazer uma bola pequena na mão, amassa com as palmas das mãos e estica com a ponta dos dedos do centro para os lados, fazendo uma fina massa, então começo a fazer junto dela, a princípio não consigo fazer e todos riem muito com isso, como inconformados com eu não conseguir fazer uma chipa, depois que pego o jeito, Alex vem até a cozinha e não consegue sequer fazer a bola pequena, rimos muito e expulsamos ele daí com brincadeiras, Susana mostra a bola que ele deixou, toda suja de barro, ri e joga ela no mato.

Esquento o óleo na panela no fogo feito no chão, começa a por as chipas já prontas para fritar, frita de um lado, vira do outro então tira e coloca a próxima, quando o óleo parece queimar, ela coloca mais óleo. Enquanto estávamos fazendo as chipas chega um homem da comunidade oferecer arco e flecha para meu companheiro, Aníbal pergunta o preço, ele diz 70, quando vou levar as chipas para os homens, ele já está de saída e lhe ofereço uma, ele aceita e vai, Aníbal diz para Alex que veio até ali oferecer por esse preço porque viu eles e pensava que eram turistas estrangeiros.

Quando falamos de artesanato Susana me diz que desistiu de fazer os animais de madeira porque se cortava muito. Julia Faraco (2015) em seu trabalho entre os Mbyá-

guarani de Florianópolis diz que os ferimentos, além de estarem presentes na lembrança da aprendizagem artesanal, eram frequentemente relatados a ela pelos modeladores de “bichinhos”.

**Foto 6** – onça esculpida em madeira por Aníbal



*Fonte: própria*

Susana pede para Rosana e sua filha Rosalba trazer seus artesanatos, me encanto com o trabalho feito por ambas. Susana pede para Rosana presentear-me com seu artesanato, escolho um colar. De Rosalba compro mais um colar para mim e um para meu companheiro. Alex comprou pulseiras e colares. É incrível como a cada visita conheço um tipo diferente de artesanato, de semente e de artesão. Susana me diz que quer aprender a fazer o que eu sei, lhe digo que vou ensinar-lhe a fazer filtro dos sonhos em breve, mas que preciso comprar material ainda.

Tínhamos ido apenas cumprimentar o casal e acabamos ficando quase toda a

tarde. Susana nos contou coisas de sua vida, a dificuldade em criar seus filhos, o término de seus primeiros casamentos. Contou sobre sua relação com Aníbal, demonstrando que é diferente, demonstrando inclusive que ela tem mais liberdade que as mulheres que conheci ao longo de meu trabalho de campo.

### 3.2.6 A visita a escola

No dia 29 de abril de 2016 fui acompanhada dos colegas Alex e Cosme na escola intercultural da aldeia de Yriapú, chegamos lá aproximadamente 09:00 a.m. e fomos recebidos pela diretora em uma sala onde acontecia aula ministrada por um professor mbya. Meus colegas Alex e Cosme tinham programado palestra sobre suas respectivas culturas, após serem convidados no último dia 23 pela diretora. A sala estava com todos os lugares ocupados, por crianças em sua maioria de 5 a 10 anos, professores indígenas e não indígenas, a diretora, alguns pais e um dos auxiliares da escola. Busquei Catalina em sua casa assim que cheguei porém sua filha mais velha disse que ela não estava mas que não demoraria.

Neste dia, estava programada para acontecer a feira de apresentação para o público externo da cultura *mbyá*, porém a diretora nos informou que eles tiveram um inconveniente e não poderiam estar realizando a feira neste momento. Alex foi o primeiro a apresentar. Sua apresentação foi estrategicamente voltada para as crianças, usou de linguagem clara e simples para informar sua origem, nascido dentro da comunidade de Miaria em Cusco, Perú, Alex tem como língua originária o Yine, seu povo é denominado Yine – Yiami *homem, gente – serpente*. As crianças demonstraram interesse e acompanharam a palestra atentamente.

Quando foi a vez da apresentação de Cosme, Schuar originário da Amazônia equatoriana fiquei pouco tempo e logo fui buscar Catalina. Chegando em sua residência pela segunda vez a encontro e pergunto por Mbaraka, ela me diz que ele não está e que não sabia se poderia vir comigo a Foz para comemorar seu aniversário porque eles tiveram um problema, lhe entrego o bolo que fiz para seu aniversário e alguns presentes, me diz que seu neto está doente e não poderia deixar sua filha sozinha neste momento. Enquanto conversamos e tomamos mate, ela está tentando fazer algum artesanato, lhe

indico como afinar a linha que lhe presentei em outro momento para as *lagrimas de la virgen* poderem passar. Conversamos mais um pouco mas ela me dá poucas informações, combino de ir na quinta-feira buscá-la e me diz que ficará até sábado se possível, lhe digo que sim.

Catalina me conta que a doutora aquele dia não tinha ido atender na aldeia e que teria de levar seu neto no hospital, tomamos algumas cuias de mate e logo apareceu uma conhecida dela, me apresentou, era a enfermeira da comunidade, elas conversam em guarani, percebo que Catalina diz que sou pesquisadora do Brasil, usa as palavras em *castellano*, ela não demonstra surpresa. Então surge um homem branco falante de guarani, vendedor de remédios. Após Catalina e a enfermeira visualizarem o produto, vende um expectorante infantil por 70 pesos, ela lhe paga 100 pesos, ele oferece mais alguns comprimidos por 30 e ela não aceita, ele despede-se e parte. Pergunto a ela de onde ele era, ela disse que acha que ele é do Paraguai, pergunto se ele vai com frequência lá, disse que sim, que sempre está por ali.

Disse que comprou o remédio para seu neto. Pouco tempo depois a enfermeira sai e Alex vem e me diz que fomos convidados para almoçar com os professores, chegando lá está na porta de entrada do refeitório o professor do coro de crianças e nos apresentamos, entro e encontro com Cosme e a diretora, todos já tinham comido e Alex e eu ficamos até depois. Nos ofereceram sopa de macarrão, carne e pão, a cozinheira, nos informou o professor do coro, era da própria comunidade. Saindo do almoço, logo encontramos os professores da secundária, que interessados de onde éramos vieram conversar com nós. Conheci uma professora de português que era formada na Unam e um professor de biologia filho de pais gaúchos que demonstrou orgulho em dizer que vinha de família de ervateiros, ele inclusive interrompeu a conversa que eu estava tendo com Bernadino, professor de guarani e irmão de Susana.

Bernardino ao me contar que ministra classes de guarani nas quartas-feiras lhe perguntei se um dia poderia assistir sua aula, me disse que sim demonstrando certa felicidade no pedido. Logo pela tarde as 14:30 p.m. iniciou-se a apresentação agora para estudantes do secundário, Alex agora fala de suas experiências universitárias e pré universitárias, suas dificuldades e conquistas ao longo destes quase 5 anos de processo

entre estar fora da universidade, candidatar-se e agora quase ao final de graduar-se, contou de sua barreira principal que era o idioma e como conseguiu ainda sobressair-se a muitos colegas que não lhe confiavam no início da graduação.

Em certo momento saí e fui em busca de Susana em sua casa, chegando lá seu esposo Aníbal estava confeccionando os detalhes dos animais de madeira já talhados, eu não tinha tido a oportunidade até então de ver como se faziam as partes escuras dos animais, pensava que era pintado e me surpreendi ao ver que eram feitos com ferro quente. Aníbal contava com aproximadamente quatro estacas esquentando no fogo de diferentes porém similares tamanhos, no topo das estacas estão postos panos para conter o calor do ferro e poder manipulá-los.

A fogueira é o centro da cozinha da família, fica na frente da casa em uma área coberta, é feita no chão de terra e cinza, ao lado dela está a mesa onde ela tem seus mantimentos e onde prepara os alimentos, a casa de Susana é muito aconchegante, tanto quanto estar presente em sua família ouvindo suas histórias, ao fundo de sua casa existe densa mata. Lhe presentei com algumas coisas inclusive um filtro dos sonhos que tinha feito para ela.

Na casa de Susana eu não era a única visita, neste dia estava um jovem pesquisador ambiental de nacionalidade italiana que eles já haviam me falado sobre, demonstrou ser íntimo amigo da família, porém quando Susana questionou meu progresso com o idioma guarani, brincamos com as palavras ao ponto dele nada entender e então ela me disse que eu vou aprender rápido, contou-me de uma mulher que estava dias atrás na *opy* e que não era indígena mas a surpreendeu quando começou a falar "*guarani, guarani mbya mismo*" segundo ela.

Fiquei contente em neste dia além de Susana, seu esposo e sua convidada Rosana estarem conversando comigo também estava sua filha e em alguns momentos o esposo dela, sendo esta a terceira visita que faço a família, nas duas primeiras eles pareciam indiferentes a minha presença. Susana apresenta-me seu filho mais velho, e lhe digo que pensava que era seu irmão. Susana tem 43 anos, porém aparenta muito menos e demonstra gostar disso. Susana me conta que já atuou como parteira e inclusive uma

vez sozinha, me disse que sua avó era e por isso aprendeu.

Tomamos mate ao longo de toda a conversa até que acabou a água da térmica, conversamos sobre artesanato, idioma guarani, seus últimos dias como foram e questões familiares. Muitas vezes tenho que conter-me pois me parece muito delicada minha relação com ambas as famílias, visto que as mulheres não parecem muito próximas justamente pela ligação ser a dos homens, no caso, Aníbal ser o irmão mais novo de Mbaraka.

Susana demonstra inquietação para que eu comece a ensinar-lhe o que sei de artesanato, creio que também porque isso possibilitaria uma frequência regular minha em sua casa, já que é explícita sua felicidade em receber-me. Após longa conversa o pesquisador me convida para ver sua exposição de fotos no centro naquela noite, agradeço o convite e lhe digo que deveria voltar ao Brasil ainda aquele dia. Notei que enquanto estávamos conversando ele fotografava em alguns momentos Aníbal confeccionando os animais de madeira. Digo a Susana em algum momento que iria buscar os garotos na escola, porque estavam demorando muito e lhe digo que eles iriam vir cantar a ela, Rosana me acompanha até a escola e demonstra muita timidez em estar lá quando entramos na sala, onde os garotos já finalizavam sua apresentação cantando músicas em *castellano* para a turma do secundário e professores.

Aviso os garotos do horário e lembro que temos o último ônibus de volta ao Brasil para pegar, as 19:30. Levo Rosana de volta a casa de Susana e me despeço, digo que ficará para próxima vez a apresentação e lhe digo que iria voltar na próxima quinta-feira, despedir-me deles neste dia é difícil pois queria poder ficar muito mais.

### 3.2.7 O dia que ganhei um Mbo'y

No dia 09 de julho de 2016, fui a aldeia de Yriapú no período da manhã. A intenção era uma visita para tratar sobre a feira de artesanato mbyá que será realizada nas dependências da Unila, além de rever Catalina, Darci, as crianças, Suzana e Aníbal. Chegando na casa de Darci e Catalina que encontra-se poucos metros da entrada principal da aldeia, fomos recebidos por Darci que nos diz que sua esposa Catalina



estava cozinhando. Era um dia nublado e frio. Logo Catalina aparece amparando seu neto Rodrigo em seu colo, logo depois o entrega a Darci e volta para o interior da casa. Darci aparenta ter pouco assunto, conversa com seu neto, mas logo ele começa a exaltar-se, peço para pegá-lo, ele se acalma por alguns momentos, Catalina volta para fora e lhe entrego o bebê. Entrego os presentes que levei e ganho um *mbo'y* (colar) de *lagrima de la virgen* escuras com a semente *aguai* e meu companheiro ganha outro de lágrimas cinzas.

Para os Mbyá, os colares feitos de sementes significam proteção e fortalecimento do espírito (SILVA, 2015) bem como generosidade e reciprocidade entre os Mbyá são sinônimos e são *mborayu* (amor) (ASSIS, 2006).

Pergunto a ela se faz aquele efeito escuro com azeite, como em outra ocasião Susana havia me contado, ela diz que sim. Conversamos sobre o cotidiano, mais algumas palavras e brincadeiras, logo fica o silêncio entre nós, tomo a iniciativa de ir até a casa de Susana, nos despedimos. Chegamos na casa de Susana e Aníbal, ela logo aparece e demonstra-se surpreendida em ver-nos. Lhe entrego uma pulseira para ela e outra para entregar a Aníbal, que naquele momento estava envolvido com os animais de maneira em algum lugar na aldeia.

Lhe digo que aquele dia estava vindo para visitar-lhes e comprar artesanato, que logo a tarde estaria indo viajar a casa de minha mãe e dependia de ônibus em todo o trajeto, em um momento da conversa, traz uma sacola com vários mbarakas/zarabatanas envernizados feitos por ela, o mbaraka é acionado quando tocado segurado pela mão em movimento e em pausa, já a zarabatana é acompanhada de duas estacas emplumadas. Talvez eu tenha visto este artesanato antes, mas nunca tinha reparado como o trabalho é complexo e bem elaborado, causando uma semelhança em escala em todos eles. Digo a Susana que nunca imaginei um trabalho tão belo e tão bem trabalhado, fico de fato muito intrigada com este artesanato, logo surge a filha de Susana com uma sacola cheia de colares feitos por ela e outra com animais de madeira em miniatura feitos por seu marido, Tupã Mbaraka.

**Foto 7 –** Quati confeccionado por Tupã Mbaraka



*Fonte: própria*

Vejo animais que nunca havia visto em modelos muito pequenos, ela diz para escolhermos um, escolhemos um quati de madeira mais escura que os outros, uma madeira que parece pele emborrachada. Escolho também um colar para levar para minha mãe, um mbaraka/zarabatana para mim e outro para meu irmão. Compro algumas coisas de Suzana e outras ganho.

Ela nos serve uma chipa assada na fogueira que era de Aníbal, mas como ele estava fora, disse para nós comermos, era muito mais saborosa que a chipa frita em óleo. Estamos o tempo todo envolvidos de crianças, netos de Susana. Conversamos mais alguns minutos, aproveito algum momento da conversa para introduzir a possibilidade da realização da feira de artesanato na universidade, ela demonstra-se animada, lhe digo que somente com o que eles produzem já seria possível uma feira, imagina com o pessoal do artesanato da aldeia, ela concorda e diz que seria uma boa ideia e que viria até a universidade para expor se fosse preciso. Conversamos mais algumas palavras corriqueiras e logo me despeço, lhe digo novamente que preciso ir para pegar o ônibus

até a cidade de minha mãe, lhe conto que haviam seis meses que não a visitava, nos despedimos de fato.

Saindo da casa de Susana decidimos ir a feira de artesanato da aldeia para comprar uma cuia de mate, de todos estes meses esta foi a primeira vez que cheguei até a feira, esperava precisar ir até lá. Lá estavam expostos arco e flecha, flautas, colares, animais de madeira, enfeites de teto, cuias, mbarakas, etc. Cumprimentamos o guia de turismo que estava chegando no mesmo local que nós com uma família de turistas, era o rapaz que estava na casa de Catalina na vez que lhe presenteí as penas, pergunta quando chegamos e lhe digo que hoje mesmo, ao chegarmos na frente da feira ele demonstra o uso do arco e flecha. Nos despedimos, levando uma cuia de cabaça e uma flauta *mimby reta*, que é uma flauta de uso feminino (ASSIS, 2006).

### 3.2.8 A primeira tentativa de Susana em confeccionar a pulseira macramê

No dia 27 de julho fui na aldeia de Yriapú no período da tarde, estava frio. Chegando fui recebida por Catalina, que disse para eu sentar próximo a ela no Sol, perguntei como estavam as coisas disse que estava tudo bem, perguntou como eu estava e lhe disse que também estava bem, lhe disse que fui visitar minha mãe. Lhe entrego uma tesoura e lhe digo que é para o artesanato, me disse que queria fazer uns colares, mas estava ocupada com os afazeres domésticos. Miguelina, sua filha mais velha vem me cumprimentar e leva as coisas que trouxe para dentro.

Em algum momento aparece a diretora do secundário da escola, acompanhada de outra mulher também não indígena, aproximam-se e não me cumprimentam, pedem a Catalina cinzas de brasas para fazer um tipo de leite quente, Catalina não entende e pede para Miguelina lhe perguntar o que ela quer, ela diz impaciente "cinzas mi amor" e entra sem ser convidada dentro da casa, acompanho tudo de fora. Pergunto a Catalina quando ela volta se ela é a diretora, para confirmar se de fato era e me diz que sim.

Ela me presenteia um colar com miçangas que estava usando e me pede para levar miçanga preta, lhe digo que vou levar preta e branca para combinar com as sementes de *lagrima de la virgen*. Pergunta o que eu iria ensinar hoje para Susana, lhe

digo que uma pulseira e lhe mostro o modelo, conversamos mais alguns minutos e me despeço. Vou até a casa de Susana, chegando lá sou recebida por ela que parece estar procurando alguma coisa, lhe pergunto o que aconteceu, me diz que esta buscando sua tesoura, para seguir trabalhando a fibra que compõe o mbaraka/zarabatana, tiro de minha mochila uma tesoura e lhe entrego, ela fica surpreendida, porque não sabia mais onde buscar. Pergunta como foi na minha mãe, lhe digo que fui bem. Me contou que sua mãe Dominga tinha ido lhe visitar nestes dias que estive fora mas que já tinha ido embora.

Susana pergunta o que eu havia vindo fazer, lhe disse que tinha vindo ensinar a pulseira que ela tinha me pedido, sentamos em um local após ela ter guardado as fibras que estava utilizando, e comecei a ensinar ela e a filha dela que ao final traduzia o que eu dizia a Susana em guarani. Porém o frio fez com que parássemos antes de terminar a primeira pulseira, pois Susana precisava acender o fogo para a chegada da noite. Então combinamos de retomar o mesmo trabalho após o meu próximo retorno.

Então ela me convidou para tomar mate, nisso chega Aníbal, que estava trabalhando com os turistas em algum lugar da aldeia e também Ariel, um dos sobrinhos de Susana que conheci no dia que conheci sua família. Vamos os quatro para debaixo do telhado da cozinha de Susana, começamos a conversar e Aníbal mexe em seu novo celular, pergunta-me porque ele tem dois chipes um seu e outro de Susana e somente o dele faz ligação, também me pergunta porque não está funcionando a internet dele Tento ver se consigo arrumar algo mas o celular é muito diferente do meu. Em algum momento houve uma gravação em guarani enviada em seu *whatsapp*<sup>10</sup> e em outro momento escuta seu arquivo musical composto somente por músicas brasileiras gaúchas, em outro momento seu telefone toca e o som de chamada é uma dessas músicas gaúchas. Atende e conversa em guarani com alguém que tenta lhe explicar como fazer a internet funcionar para eles falarem através do *whatsapp*.

Tomo algumas cuias de mate, brinco com os novos cães da família, ela me diz que seu genro os encontrou abandonados fora da aldeia. Questionado meu desempenho com o guarani, conto a Susana que fui bem na turma que estava tomando classes na universidade. Pergunto a ela da possibilidade de irmos um dia a Ocoy, pois o coordenador

---

10 Aplicativo de celular.

do curso de extensão havia dado a ideia. Diz que seria bom inclusive para ela comprar artesanato para revender, pois segundo ela lá é mais barato.

Me conta que vendeu orquídeas esta semana no marco das três fronteiras. Aníbal saí e me despeço de Susana, a noite quase já se faz presente. Sigo a saída da aldeia e encontro Mbaraka, lhe digo de Alex enviou *saludos* (lembranças) e me agradece, lhe digo que já vou indo. Sigo até o ponto de ônibus de volta ao Brasil.

### *3.2.9 A segunda tentativa de ensinar a pulseira de macramê*

Fui até a comunidade de Yriapú no período da tarde. Chegando na casa de Catalina lhe encontro do lado de fora quando chamo, estava na parte de dentro cozinhando. Conversamos um pouco, tiro da mochila uma coletânea da exposição Redescobrimiento, que contam com fotos de artefatos e artesanatos indígenas de vários povos do Brasil, vejo junto dela quase o livro inteiro, somos interrompidas pelas crianças. Pergunto de Mbaraka me diz que está na escola. Digo a ela de meu compromisso de ir até Susana ensinar pulseiras aquele dia, nos despedimos.

Saio pelo pequeno caminho de terra que em alguns passos leva da casa de Catalina para a casa de Susana, chegando lá encontro Aníbal, Susana, sua filha Tita e seu genro Mbaraka ademais de seus netos Verã e Ezequiel. Troco algumas palavras com Aníbal que estava de saída para trabalhar.

Digo a Susana que vim para seguirmos fazendo a pulseira que interrompemos outro dia, porém antes lhe mostro o mesmo livro que mostrei a Catalina, logo está ao meu lado Susana, Tita e Mbaraka, olham maravilhados as magníficas peças de artesanato apresentadas nas fotos da exposição, ao tempo da conversa Susana sugere algumas vezes que eu deveria "tirar fotos assim", lhe digo que podemos fazer em breve, lhe digo que gosto muito da ideia.

Quando chega na parte de cestaria ela vê alguns desenhos que diz poder fazer e outros não. Me mostra e diz, "mira, así que hago los de las zarabatanas", me diz que queria um dos desenhos amazônicos da cesta, lhe digo que providenciarei cópias quando posso. Mbaraka, seu genro, interessa-se por uma imagem que apresenta uma flauta do

povo amazônico Sateré-Maué, me pede também uma cópia daquela.

Chegam duas visitas para Susana, ela segue do meu lado, pergunto se querem lhe falar, me diz que "seguro" que sim, porém vê mais algumas imagens enquanto o casal de avançada idade a espera. Logo me deixa com Tita e vai interagir em guarani com suas visitas, são residentes da aldeia, seus vizinhos. Terminamos de ver o livro e fico esperando Susana estar disponível para prosseguirmos com o artesanato, porém seguem falando apenas em guarani, dão risadas, passa um vendedor de sapatos e roupas, está junto de sua esposa e filho, todos são brancos, Susana olha algumas coisas porém não compra nada, conversam como se fossem conhecidos de longa data.

Quando os vendedores partem, fico mais alguns minutos sentada com Tita em silêncio a meu lado, como não interajo na conversa, começo a fazer uma pulseira antes que a vontade de ir embora aumente.

Tita logo interessa-se e vem mais próximo olhar, lhe entrego uma tábua com parafusos semelhante a minha para que tente fazer, vamos fazendo uma pulseira, logo Susana despede-se de suas visitas e une-se a nós, acompanha o que estamos fazendo, uma mulher passa em frente a residência acompanhada de outras duas garotas, nenhuma delas é mbyá, são moradoras de fora da comunidade mas de Puerto Iguazú, conversam com Susana e Tita demonstrando serem amigas de longa data. Termine de ensinar a pulseira de macramê a Susana e a Tita, ambas aprendem. Vou embora ao cair do Sol.

**Foto 8** – Susana confeccionando pulseira macramê



*Fonte: própria*

### 3.2.10 O filtro dos sonhos para Susana

Na quinta-feira do dia 23 de setembro chegamos meu companheiro e eu na aldeia por volta das 9:00 a.m. Fomos até a casa de Mbaraka e Catalina, chegando lá encontro Mbaraka saindo do interior da residência e lhe cumprimento, me diz que Catalina está doente mas viria nos receber, suas filhas Miguelina e Gabriela junto de seu neto Rodrigo nos recebem do lado de fora e largo a mochila em um banco e o filtro dos sonhos que confeccionei para Susana em uma cadeira, pois era muito grande.

Logo Catalina surge e lhe pergunto que tinha, me diz que estava com dor de dente. Miguelina, a filha mais velha do casal pede para ver o filtro e lhe entrego, analisa com cuidado e me devolve. Enquanto converso sentada na cadeira de frente para Catalina sentada no banco Miguelina pega em meus cabelos, parecendo demonstrar afeto e curiosidade. Pergunto a Gabi como está a escola e antes de me responder olha para Miguelina e sorri constrangida e responde "bién". Troco mais algumas palavras com Catalina e me despeço, me diz que iria voltar a deitar já que não conseguiu dormir a noite pela dor. Digo que vou a Susana e lhe desejo melhoras.

Chegando na casa de Susana, somos recebidos por ela, me olha meio ocupada, sua casa neste dia está cheia, principalmente de crianças. Lhe digo que hoje não vim ensinar nada, que somente queria conversar, me convida para passar e entro através de sua área coberta e chego até onde está cozinhando reviro, em uma parte aberta. O fogo no chão está próximo ao tronco de árvore que antes era usado apenas para sentar-se, agora estão queimando como recurso.

Sento-me em uma cadeira que me mostrou, lhe digo que um dia atrás tinha ficado pronto meu segundo novo documento e agora poderia vir até a Argentina. Me diz que estava preocupada por meu documento, que meu companheiro tinha falado para ela na semana que o perdeu que ele foi em meu lugar, e diz rindo que não quis que ele ficasse para ensinar porque a relação entre as mulheres e os homens é diferente, lhe disse que entendia.

Lhe presenteiei com o filtro dos sonhos na chegada, aparentou muita surpresa e me perguntou quanto me devia, lhe disse que nada e brinquei que era muito grande como

meu sentimento por ela, rimos. Quando já estou sentada, lhe entrego o restante dos presentes que lhe trouxe, o filtro pendurou em sua área. A pulseira de *aguaí* que lhe dei me fez amarrar no braço de sua neta que estava doente, em uma bela cena, Susana em seu pequeno banco meche o reviro que está preparando, sua neta sentada em seu colo e sua cachorrinha deitada sobre seus pés.

Me apresenta seu filho que vivia em Ocoy e seu neto Igor "brasileño", me diz que seu filho estava pensando em vir morar ali, pois lá em Ocoy "não é fácil". Seu filho prepara suco com gelo que quebrou das garrafas e nos oferece. Pergunto por Mbaraka, Igor me corrige e diz Ma-ra-ka, rio muito com este garoto, ele e Verã, o outro neto de Susana filho de sua filha são garotos excepcionais, muito espertos e comunicativos.

Em um momento o filho de Susana liga a TV e o videogame que ficam na área e convida meu companheiro para jogar uma partida de futebol, os garotos escolhem os times Argentina e Brasil, esta cena é muito divertida, além dos dois netos que fui apresentada em outras ocasiões de Susana, ainda há a garota em seu colo e seu irmão mais novo brincando com coisas no chão, ou seja, quatro netos, há também algum amigo deles que chega e sai em alguns momentos, há diferentes crianças chegando e indo na casa de Susana neste dia. Amarro uma pulseira que levei para Verã em seu bracinho, e digo a Igor que levo outra para ele outro dia, pois não sabia de sua presença até então.

Susana me mostra o piso de cimento que agora existe em sua área, ai entendo o motivo de sua cozinha ter se deslocado para fora da parte coberta. Me diz que foi seu filho de Ocoy que havia feito, digo que ficou legal ao ser indagada por ela sobre o que achei disso. Converso com Susana sobre a possibilidade dela participar da feira de artesanato que já estava divulgando na universidade, diz que iria reunir materiais para isso e iria encontrar mais uma pessoa para ir com ela.

Conversamos mais um pouco sobre várias coisas, me diz que seu marido Aníbal está trabalhado todos os dias como guia turístico na aldeia. Me diz se quero tirar foto do reviro, tiro e lhe mostro também as fotos de meu celular do período que estive fora na casa de meu irmão, ri muito com as fotos e quando vê a foto de um bolo que minha cunhada fez, me diz não querer ver mais para não ficar com vontade. Lhe mostro as fotos de meu sobrinho. Também lhe mostro as fotos que ainda tinha do dia que fizemos



artesanato e me diz que estava parecendo sua mãe, rimos.

Conversamos e logo ela pega o pacote de frango para começar a fazer o almoço para Aníbal, era chegado as 11:00 e pouco e me despeço, lhe digo que tenho aula as 14:00.

Despede-se de nós e agradece mais uma vez pelo filtro dos sonhos e me diz sorrindo “hoy no tengo nada para darte em troca, pero tengo muy *mborayu*”.

Neste dia vamos embora, com meu coração transbordando imensa gratidão.

### 3.2.11 A distribuição de colchões

No dia 21 de outubro de 2016, sexta-feira, fui até a aldeia de Yriapú para levar as fotos reveladas tiradas pela amiga Angela Ferreira em uma visita anterior a casa de Susana, para o projeto de extensão.

Chegando lá, visualizei três caminhões e alguns carros em frente a escola. Destes caminhões, um deles estava aberto e pessoas tiravam colchões de solteiro de dentro dele. Centenas de colchões estavam sendo distribuídos na comunidade, parei por um momento para fixar aquela imagem em minha memória. Muitas crianças e mulheres carregam os colchões embalados, atravessando o campo de futebol em sentido as casas.

Chegando na casa de Mbaraka e Catalina, cumprimentei-os e Mbaraka me disse para tomar assento. Comento o fato da casa nova estar visivelmente terminada, me disse que ainda faltava acabar. Entrego as fotos que há muito tempo meu colega Alex fotografou de sua família, demonstra o casal gostar da surpresa. Mbaraka me convida para tomar tererê, aceito.

Pergunto a Mbaraka sobre a distribuição de colchões e ele me diz que foi o governo que enviou e que isso nunca tinha ocorrido.

Conversamos mais um pouco, Mbaraka me pergunta se tenho bolsa para estudar na Unila e como faz para estar ai, diz que como está concluindo o ensino médio, pretende seguir seus estudos, no Brasil ou em Posadas ou em Puerto Iguazú mesmo, mas que

ainda não sabe. Digo para ele que irei me informar como é o egresso com bolsa agora nos próximos anos.

Em um momento, Mbaraka me conta de uma amiga de sua pequena filha, Liz, diz que ela vem uma vez por ano de Buenos Aires para visitar-lhes, e desta vez havia trazido material para Catalina fazer artesanato, então, solicita que Catalina me traga a sacola. Há muito material, digo que agora ela tinha muito mais material que eu já tive em toda a minha vida. Ela sorri. Sinto que eles queriam que eu ficasse para fazermos artesanato, mas nesse dia deveria ir a casa de Susana levar-lhe também as fotos de sua família.

Quando me despeço e digo que vou a Susana dizem que ela havia acabado de passar de moto, mas que Lili estaria em casa.

Chego a casa de Susana e seu filho, pai de Igor e Lucas sai para fora com roupa de ir jogar futebol, dizendo que está só ele e seu filho, digo que vim trazer as fotos então chama Liliana, sua esposa. Vai jogar futebol, se despede de nós. Lili demonstra gostar das fotos e separo algumas para ela dela e de seus filhos. Começamos a conversar, pergunto se posso sentar (estamos do lado de fora, diz que sim, sento no banco, boa parte do tempo estamos conversado e ela na outra ponta do banco me responde olhando ao lado oposto como se estivesse esperando alguém ou evitando que alguém nos visse falando, mas logo depois senta-se em uma cadeira em minha frente.

Tem três colchões embalados do lado de fora da casa, ela está sentada em uma cadeira em frente a pilha de colchões enquanto seu filho Lucas brinca atrás dela sobre eles. Aproveito a ocasião para lhe fazer uma entrevista informal.

Conversamos em português, pois sua família é de Itaipulândia, do lado do Brasil. Ela me diz que vivia em Ocoy mas lá era muito pequeno e agora estava morando em Yriapú com sua família.

Me diz que sua mãe estuda na Unioeste e sua irmã também. Também me diz que ela não tem artesanato porque em Itaipulândia quase não tem turista e por isso lá eles não fazem muito. Pergunto se mesmo assim, eles fazem para uso próprio, me diz que sim. Conta coisas pessoais, sobre sua família, a luta de sua mãe para estudar e a perda recente de um tio que estava para se formar em Direito na Unioeste de Foz do Iguaçu.

Falamos mais um pouco e logo me despeço, lhe deixando as fotos para entrega-las a Susana.

#### 4. IMPRESSÕES FINAIS

Em minha última visita a Catalina e Mbaraka, ganhei um belíssimo filtro dos sonhos confeccionado por Catalina, fazendo-me recordar do dia em que lhe ensinei, na terceira visita a família, a mais de um ano atrás.

**Foto 9** – Filtro dos sonhos elaborado por Catalina



*Fonte: própria*

Minha entrada em campo foi por esse pedido, que a ensinasse este artesanato. Tal pedido possibilitou-me ter acesso ao contexto social que desenvolveu-se em minha

presença. Minha ideia inicial nas primeiras incursões a comunidade, após identificado o objeto de pesquisa era que ele permanecesse condensado em um objeto, mas ao passar dos meses, ele também converteu-se em minha relação social como os Mbyá contatados de Yriapú.

Em todos os momentos que chegava na casa de Catalina ou de Susana, a configuração do que estava acontecendo mudava radicalmente. Mesmo não sendo minha intenção, elas sempre paravam de fazer o que estavam fazendo para vir conversar comigo. Provocava conversa principalmente a Catalina, pois o silêncio era muito presente em minhas visitas. Com Susana, a conversa sempre fluiu de maneira que não havia espaços para silêncios. Ela sempre estava disposta a contar-me como foram seus últimos dias, as visitas de seus netos, as mudanças de comunidade de seus filhos e pequenas histórias de seu passado.

A etnografia aqui apresentada busca configurar o cenário ao qual estive imersa enquanto pesquisadora, bem como demonstrar o quanto a visita impactava no cotidiano destas pessoas. Também busco através da exposição etnográfica, mesmo que timidamente, incentivar a produção desta enquanto válida ao conhecimento antropológico, pois o trabalho que o pesquisador encontra desde antes de sua imersão em campo até a identificação de sua estilística é árduo e único. A etnografia tem a capacidade de ser a memória fresca do pesquisador e de teletransportar o leitor a um local e situação que jamais se repetirá.

#### 4.1 CONCLUSÃO

O artesanato para os Mbyá-guarani em Yriapú constitui uma série de relações. A princípio, o que parece conter somente significado mercantil, desdobra-se em uma cadeia de questões. A escolha dos materiais, o tipo de artesanato e a finalidade delimitam a constituição da peça desde antes da confecção. Através das estações do ano é possível saber as sementes a serem utilizadas (SILVA, 2015). A diferença de gênero delimita o fazer assim como o artesanato masculino e feminino. Através da estilística artesanal é possível identificar as características de quem o confeccionou.

A confecção artesanal pode estar vinculado ainda a confecção de corpos (LAGROU, 2012), a relação de agência e eficácia (GELL, 1998) ou a demarcação étnica (RIBEIRO, 1987). Mais que isso, o saber artesanal assim como outros sistemas simbólicos ou linguísticos aproximam pessoas.

O trabalho de campo desenvolveu-se baseado no fazer artesanal, mas esse, enquanto estava entre elas sempre pareceu secundário. Todas as peças aprendidas e confeccionadas por elas ao longo de minhas visitas não foram reproduzidas depois para a venda, mas eram reproduzidas para si próprias e conseqüentemente para mostrar-me. Isto também demonstra como o fazer artesanal não está somente e principalmente relacionado a uma questão monetária ou de subsistência.

Relacionar-me com o fazer antropológico através do trabalho de campo afetou-me (FAVRET-SAADA, 2005) ao ponto de trazer-me a possibilidade de retomar uma atividade que conheço e desempenho desde minha infância. A habilidade que tenho com a confecção artesanal não é uma escolha minha, bem como minhas limitações enquanto pesquisadora também não a são. Busquei tornar o saber artesanal descritível através da etnografia, pois somente ela dá conta de uma multidimensionalidade que encontrei em campo.

Através da reprodução das etnografias selecionadas, pretendi trazer um pouco de minha experiência enquanto artesã e enquanto pesquisadora, bem como fixar no tempo e espaço a ocupação deste território em Puerto Iguazú pelos Mbyá-guarani.

Enquanto ao interesse inicial em comportar informações referentes ao artesanato Mbyá, seus significados, origens e agências e sistematizá-los de maneira comparativa, foi possível iniciar tal procedimento no trabalho de campo, porém sua continuidade será dada em pesquisa posterior na pós-graduação.

**BIBLIOGRAFIA**

ALONSO, Franklin. **Pulsões na Arte Mbyá-guarani: os Seus Pensamentos e Sentimentos Refletidos através dos Objetos Cerâmicos**. Espaço Ameríndio, v. 9, n. 1, p. 303.

ASSIS, Valéria Soares de. **Dádiva, mercadoria e pessoa: as trocas na constituição do mundo social mbyá-guarani**. 2006.

ARISI, Bárbara Maisonnave. **A dádiva, a sovínice e a beleza: economia da Cultura Matis, Vale do Javari, Amazônia**. 2011

BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. 2000.

FARACO, Julia Marques. **Bichinhos Guarani: De artesanato a objeto**. 2015. Monografia de Graduação. Universidade Federal de Santa Catarina.

FAUSTO, Carlos. **Os índios antes do Brasil**. Zahar, 2000.

FAVRET-SAADA, Jeanne. **Ser afetado**. Repositório UFSC. 2012

GELL, Alfred. **Art and agency: an anthropological theory**. Clarendon Press, 1998.

GOLDMAN, Marcio. **Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia**. Revista de Antropologia, v. 46, n. 2, p. 423-444, 2003.

GRUMBERG, Georg (Coord.), Bartomeu MELIÁ (Ed.). **Guarani Retã 2008: Povos Guarani na Fronteira Argentina, Brasil e Paraguai**. (Mapa (100x69cm) e Livro Explicativo). Sao Paulo: CTI. 2008

INGOLD, Tim. Anthropology is not ethnography. In: **Proceedings of the British Academy**.

Oxford: The British Academy, Oxford University Press, 2008. p. 69-92.

LAGROU, Elsjé Maria. **Caminhos, duplos e corpos: uma abordagem perspectivista da indentidade e alteridade entre os Kaxinawa**. 1998. Tese de Doutorado.

\_\_\_\_\_. **A fluidez da forma: arte, alteridade e agência em uma sociedade amazônica (Kaxinawa, Acre)**. PPGSA-UFRJ, 2007. p. 511-527.

\_\_\_\_\_. **Arte ou artefato? Agência e significado nas artes indígenas**. Proa–Revista de Antropologia e Arte, v. 2, n. 1, 2010.

\_\_\_\_\_. No Caminho da Miçanga: arte e alteridade entre os ameríndios. **Enfoques**, v. 11, n. 2, 2012.

LANGDON, Esther Jean. **A fixação da narrativa: do mito para a poética de literatura oral**. **Horizontes antropológicos**, v. 5, n. 12, p. 13-36, 1999.

LITAIFF, Aldo. **As divinas palavras: representações étnicas dos Guarani-Mbya**. 1991.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Los argonautas del Pacífico occidental**. Planeta-Agostini, 1922.

MELIÁ, Bartomeu; TEMPLE, Dominique. El don, la venganza. **CEP Guasch, Paraguay**, 2004. p. 11-79

MILLER, Joana. **As coisas: os enfeites corporais e a noção de pessoa entre os Mamaindê (Nambiquara)**. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Antropologia), PPGAS, Museu Nacional, Rio de Janeiro: UFRJ. 2007

MONTARDO, Deise Lucy Oliveira. **Através do Mbaraka: música e xamanismo guarani**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2002



OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. História e arte guarani: interculturalidade e identidade. **Santa Maria: Editora UFSM, 2004.**

PARO, Denise. **Na Argentina, índios se tornam empreendedores.** Gazeta do Povo. 2013

PEIRANO, Mariza GS. **A favor da etnografia.** Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Antropologia, 1992.

PROUS, André. **O Brasil antes dos brasileiros: a pré-história do nosso país.** Zahar, 2006.

RIBEIRO, Berta Gleizer; RIBEIRO, Darcy. **Suma etnológica brasileira: Tecnologia indígena.** Vozes, 1986.

\_\_\_\_\_. A linguagem simbólica da cultura material. **Suma Etnológica Brasileira: arte índia. Petrópolis: FINEP/Vozes, v. 3, 1987.**

SILVA, Alexandrina. **O Grafismo e Significados do Artesanato da Comunidade Guarani da Linha Gengibre (desenhos na cestaria).** 2015

SILVA, Evaldo Mendes da. **Folhas ao vento: a micromobilidade de grupos Mbya e Nhandéva (Guarani) na Tríplice Fronteira.** Rio de Janeiro, tese de doutorado apresentada ao PPGS/MS-UFRJ, 2007.

TOCCHETTO, Fernanda Bordin. Possibilidades de interpretação do conteúdo simbólico da arte gráfica Guarani. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 6, p. 33-45, 2016.

VAN VELTHEM, Lúcia Hussak; GALLOIS, Dominique Tilkin. **O belo é a fera: a estética da produção e da predação entre os Wayana.** 2003.

VIDAL, Lux. **A pintura corporal e a arte gráfica entre os Kayapó-Xikrin do Cateté.** Grafismo indígena. Organizado por LA Vidal, p. 143-189, 1992.

WOORTMANN, Klaas. **O selvagem e o Novo Mundo: Ameríndios, humanismo e escatologia.** Editora UnB, 2004.